

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM HISTÓRIA

CRISTIANE SOUSA SANTOS

***“DE MIRACULIS APOSTOLI SANCTI JACOBI”*: NARRATIVAS DE MILAGRES
NO *CODEX CALIXTINUS***

GOIÂNIA

2018

CRISTIANE SOUSA SANTOS

***“DE MIRACULIS APOSTOLI SANCTI JACOBI”*: NARRATIVAS DE MILAGRES
NO CODEX CALIXTINUS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Poder e Representações.
Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento.

GOIÂNIA

2018

S237m Santos, Cristiane Sousa
"De Miraculis Apostoli Sancti Jacobi"[recurso eletrônico]:
narrativas de milagres no Codex Calixtinus/ Cristiane
Sousa Santos.-- 2018.
95 f.; il.

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
em História, Goiânia, 2018
Inclui referências f. 88-95

1. Tiago - Maior, Apóstolo, Santo. 2. Relíquias. 3.
Peregrinos e peregrinações cristãs - Santiago de Compostela
(Espanha). 4. Milagres. I.Nascimento, Renata Cristina
de Sousa. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
III. Título.

CDU: 27-57(460.11)(043)

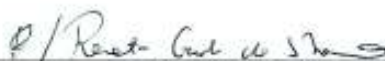
**"DE MIRACULIS APOSTOLI SANCTI JACOBI": NARRATIVAS DE MILAGRES
NO CODEX CALIXTINUS**

Dissertação aprovada em 28 de março de 2018, no curso de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

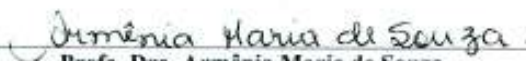
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Renata Cristina Sousa Nascimento
PUC Goiás / Presidente



Profa. Dra. Aline Dias da Silveira
UFSC / Examinadora Externa



Profa. Dra. Armênia Maria de Souza
UFG / Examinadora Externa

Profa. Dra. Ivoni Richter Reimer
PUC Goiás / Suplente

Profa. Dra. Adriana Vidotte
UFG / Suplente

RESUMO

Essa dissertação, tem como objetivo principal, tratar a respeito das peregrinações e o culto ao apóstolo Tiago, o Maior em Santiago de Compostela, a partir do *Liber Sancti Jacobi*, um códice elaborado no século XII, e que encerra em si todas as nuances da reverência destinada ao discípulo na região *Galiza*. Para tanto, nos direcionamos a partir de pressupostos teóricos metodológicos de análise das representações existentes na fonte em apreço, segundo os aspectos do mito e do Imaginário Social, presentes no cotidiano do século da redação desta. A partir da *revelatio* da existência de um sepulcro feita no século IX, atribuído ao discípulo que teria sido conforme as Sagradas Escrituras, um dos mais próximos do Messias, um culto que segundo a tradição esteve esquecido por séculos, teria assim, ressurgido. Desde então, uma série de narrativas e o itinerário em direção à cidade galega, foram sendo escritas e aperfeiçoados. No apogeu do culto às relíquias no século XII, a Sé Compostelana sob o prelado D. Diego Gelmírez, houve a ampliação à elaboração desses documentos que visavam a legitimação da presença das relíquias do apóstolo em “*Hispania*”, dentre as mais notáveis dessas crônicas, encontra-se o *Liber Sancti Jacobi* ou *Codex Calixtinus*. Fundamentados nas narrativas presentes no códice, se expandiram as informações sobre a presença de Tiago, o Maior na Península Ibérica. Dessa forma, nossa pesquisa, se desenvolveu a partir da investigação sobre a redação e a origem da tradição das narrativas reproduzidas no códice. Assim como também, voltamos nossa atenção para a relevância e a influência das peregrinações à Jerusalém e à Roma, primordiais às pesquisas que investigam a amplitude e a importância das viagens e peregrinações na Idade Média. Por fim, às atenções são destinadas às análises do mito de São Tiago e dos seus milagres narrados no *Liber Sancti Jacobi* e suas interferências, motivações e inspirações para a construção e promoção do caminho de Santiago de Compostela.

Palavras-chave: São Tiago, Relíquias, Hagiografia, Peregrinações, Milagres.

ABSTRACT

This dissertation has as main objective to deal with the pilgrimages and the cult of the Apostle James the Greater in Santiago de Compostela, from the *Liber Sancti Jacobi*, a codex elaborated in the twelfth century, and which encloses in itself all the nuances of reverence for the disciple in the Galicia region. In order to do so, we are guided by theoretical methodological assumptions for the analysis of the representations in the present source, according to the aspects of the myth and the Social Imaginary, present in the quotidian of the century. From the revelation of the existence of a sepulcher made in the ninth century, attributed to the disciple who would have been according to the Holy Scriptures, one of the closest of the Messiah, a cult that according to tradition has been forgotten for centuries, would thus have resurfaced. Since then, a series of narratives and the itinerary towards the Galician city, were being written and perfected. At the apogee of the cult of relics in the twelfth century, the Compostela Cathedral under the prelate Diego Gelmírez, there was an extension to the elaboration of these documents aimed at legitimizing the presence of the relics of the apostle in "Hispania", among the most notable of these chronicles, is the *Liber Sancti Jacobi* or *Codex Calixtinus*. Based on the narratives present in the codex, information about the presence of James the Greater in the Iberian Peninsula was expanded. Thus, our research developed from the research on the writing and the origin of the tradition of the narratives reproduced in the codex. As well, we turn our attention to the relevance and influence of the pilgrimages to Jerusalem and Rome, primordial to the investigations that investigate the amplitude and importance of the trips and pilgrimages in Average Age. Finally, the attention is directed to the analyzes of the myth of St. James and his miracles narrated in the *Liber Sancti Jacobi* and their interferences, motivations and inspirations for the construction and promotion of the way of Santiago de Compostela.

Keywords: St. James, Relics, Hagiography, Pilgrimages, Miracles.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao corpo de professores do Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pela imensurável paciência em relação a mim e aos meus atrasos. Em especial à coordenadora Doutora Thaís Alves Marinho, que muito insistiu comigo, para seguir adiante com a pesquisa.

Não há palavras que possam mensurar o meu agradecimento a minha orientadora, Doutora Renata Cristina de Sousa Nascimento Pereira, que fez um trabalho de resgate em relação a mim e à minha pesquisa. Renata exerce um fascínio imensurável entre os pesquisadores de História medieval em todo o Centro-Oeste com suas pesquisas, sempre relevantes, mas também, é imensamente admirada por seu companheirismo, bom humor e conhecimento afiado. E sou imensamente grata, por ter feito parte do grupo de orientandos seus.

À CAPES e a PUC, pela bolsa que me proporcionou estar nesse Mestrado e poder concluí-lo.

As professoras Dra. Armênia Maria de Souza e Dra. Adriana Vidotte, pela ajuda na qualificação desta pesquisa. A orientação de ambas foi esclarecedora para nós. Também, reintero a minha gratidão por terem aceito o convite para estarem na minha banca de defesa.

Aos meus colegas de Mestrado, Nábio e Rogério, por suas orações e pensamentos positivos durante essa dura jornada. Desejo a vocês sucesso.

Aos meus colegas da graduação, que sempre estiveram torcendo por minha pesquisa, me incentivando e sempre prontos a me escutarem. Em especial, a minha querida amiga, Francisca Borges Bezerra. Sem o seu apoio inicial, em todos os aspectos, eu não poderia ter sequer ingressado no Mestrado.

Por fim, agradeço à minha mãe, que desde o princípio esteve em meu auxílio. Sou infinitamente grata, por te ter ao meu lado no fim dessa jornada e essa dissertação, também é sua.

Santiago de Compostela isolada no
campo,
Mas na tua direção marchou a Europa
Pesquisando paralelos Corpo e estrela...
(MENDES, 1994, p. 583).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: O CODEX CALIXTINUS E SÃO TIAGO.....	19
1.1. <i>O Liber Sancti Jacobi – Codex Calixtinus</i>	19
1.2. As hagiografias: Relatos de Santidade.....	29
1.3. São Tiago e a Tradição	35
CAPÍTULO 2: VIAGENS E PEREGRINAÇÕES A SANTIAGO DE COMPOSTELA	38
2.1. Ser peregrino.....	39
2.1. Jerusalém: as peregrinações à Terra Santa	46
2.2. Roma: as peregrinações e os cultos aos mártires	48
2.3. A tradição jacobea e as viagens e peregrinações à Santiago de Compostela.....	49
CAPÍTULO 3: O MITO DE SÃO TIAGO E O <i>LIBER SANCTI JACOBI</i>: A LEGITIMAÇÃO DA PEREGRINAÇÃO E DO CULTO A SÃO TIAGO EM COMPOSTELA.....	57
3.1. O mito de São Tiago no <i>Liber Sancti Jacobi</i>	57
3.2. Os milagres na cristandade medieval	60
3.3. Os milagres no <i>Liber Sancti Jacobi</i>	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS.....	88

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. A rainha D. Urraca (1109-1126).....	20
Figura 2. El arzobispo Diego Gelmírez bendice a los caballeros Froila Alfonso y Pedro Muñiz ante una asamblea de fieles.	21
Figura 3. Detalhe do sepulcro de São Tiago no altar da catedral de Santiago de Compostela nos dias atuais.	28
Figura 4. Detalhe de S. Tiago peregrino na catedral de Santiago de Compostela	38
Figura 5. O Caminho Francês. Detalhe do <i>Liber Sancti Jacobi</i>.....	50
Figura 6. Teodomiro de Iria descubre el sepulcro apostólico.....	52
Figura 7. Peregrino vestido com o traje tradicional das viagens do Caminho de Santiago.....	54
Figura 8. Detalhe do Liber Sancti Jacobi.	58
Figura 9. São Tiago paramentado como os peregrinos do Caminho de Compostela, portando no chapéu a representação da viagem ao seu sepulcro.	73
Figura 10. São Tiago cavaleiro. Detalhe do Liber Sancti Jacobi.....	75

INTRODUÇÃO

Apresentar a tradição compostelana, constitui em um interesse, que se converteu em apreciação pela tradição cultivada e preservada em Santiago de Compostela há cerca de doze séculos, quando no bosque *Libredón* situado na mais distante e ocidental diocese do reino das Astúrias, na *Galiza*, um eremita de nome Pelágio, conforme dita a tradição teria avistado “umas” luzes que indicavam o local onde se encontraram as relíquias do apóstolo Tiago o Maior. Como dita a narrativa, o eremita procurou o bispo da diocese, Teodomiro de Iria Flávia, que após dias de jejum e oração alcançou a *revelatio*. A partir da descoberta das relíquias em terreno galego, o culto se instituiu em um curto período, deste modo, um templo surgiria e em poucos séculos, daria lugar a uma imponente basílica que atrairia milhares de peregrinos e motivaria o florescimento de Compostela¹ e dos itinerários rumo à cidade, assim como os hospitais e uma produção intelectual que deixaria como herança importantes documentos da literatura hispânica medieval. A mais notória dessas fontes documentais, a saber: o *Liber Sancti Jacobi*² proveniente do século XII encerra em si todas as nuances do culto de Santiago, na *Galiza* e posteriormente para toda a civilização ocidental.

Tiago o Maior seria segundo a tradição, irmão de João Evangelista estaria entre os apóstolos mais queridos por Cristo. Uma outra fonte de igual relevância para o estudo sobre o tema jacobeu, a *Historia Compostela*³ (*HISTORIA COMPOSTELANA*, 1950, LIBRO PRIMEIRO, Cap. 1, p. 19) corrobora tal assertiva quando situa, “ségun el precepto del Señor, Santiago, hermano de San Juan apóstol y evangelista” e o *Liber Sancti Jacobi* sacramenta que, “fué Santiago, [...] a aquél, en verdade, le fué concedida, [...] la gloria inestimable no desdenó transfigurarse [...] sobre el monte Tabor ante su vista”. Após a Assunção de Jesus Cristo, S. Tiago, como também os outros apóstolos teriam partido de Jerusalém, para evangelizarem os povos. Tiago teria viajado, para os confins do Ocidente a fim de pregar no

¹ O sepulcro de São Tiago, passou cerca de oito séculos com sua localização desconhecida. No entanto, o termo *Compostela* segundo os estudiosos do tema, deixa pistas de que havia um cemitério na região. “[...] O topônimo Compostela deriva do latim tardio *componere*, ‘enterrar’, *compositum* > *compostum*, ‘enterramento, com o sufixo diminutivo – *illa* . – ela, ‘cemiterinho’”. (VIÇOSE, 2016, p. 15).

² *LIBER SANCTI JACOBI “CODEX CALIXTINUS”*. Traducción por A. Moralejo y J. Feo. Santiago de Compostela: Instituto Padre Sarmiento de Estudios Gallegos, 1951.

³ *HISTORIA COMPOSTELANA o sea Hechos de D. Diego Gelmírez primer arzobispo de Santiago*. Traducida del latín al castellano por SUAREZ, Manuel. Com notas por CAMPELO, José. Santiago de Compostela: Editorial Porto, S. L., 1950.

território da Galiza. Com muito esforço, o apóstolo teria arregimentado doze apóstolos como fez o seu Mestre e após certo tempo teria retornado à Jerusalém, sendo posteriormente preso, condenado e executado.

Conforme as fontes mais importantes a versar sobre o mito de Santiago de Compostela, Herodes Agripa teria mandado prender e degolar o santo apóstolo. Nas palavras da *Historia Compostelana*, após a paixão de Tiago, Herodes teria ordenado que seu corpo e a cabeça fossem jogados fora da cidade, para que fossem consumidos pelos cachorros. Os discípulos de São Tiago prevenidos para que trasladassem o seu corpo para a região hispânica para dar-lhe sepultura, se apossaram dos restos mortais, que apareceram de forma miraculosa na *Galiza*. Em Atos dos Apóstolos, a morte de Tiago é apresentada com as seguintes palavras: “Nessa mesma ocasião o rei Herodes começou a tomar medidas visando a maltratar alguns membros da Igreja. Assim, mandou matar à espada Tiago, irmão de João”⁴.

O terceiro livro do *Liber Sancti Jacobi* amplia a tradição ao apresentar uma elaborada trama permeada pelos aspectos da *mirabilia*, por narrar as adversidades enfrentadas pelos discípulos de S. Tiago para sepultá-lo em terras hispânicas. Ao chegarem ao local indicado para o sepultamento de seu mestre os discípulos de São Tiago, enfrentaram um dragão, o exército de um rei e até amansaram bois, a fim de provar a santidade das relíquias que transportavam para a dona do local do sepulcro, uma senhora que ambas as narrativas denominam, Lupa, que comovida com milagres apresentados aos seus, teria cedido o lugar para abrigar o corpo de São Tiago até a *revelatio* no século IX (entre 830-840), quando teria ressurgido o culto ao apóstolo São Tiago em terras hispânicas. Embora, a lenda através das narrativas escritas a partir do encontro das relíquias tente preencher as lacunas acerca do desconhecimento de sua existência em terras galegas, durante os primeiros seis séculos desta Era, não existem indícios sólidos da evangelização de São Tiago no antigo reino visigodo, ou mesma da presença de seus restos mortais nesse território.

Os primeiros registros a situarem que Tiago foi o apóstolo que haveria predicado nesta região, só começaram a aparecer no século VI. Após a descoberta do sepulcro – possivelmente entre os anos 820 e 830 -, a documentação se

⁴ A Bíblia de Jerusalém. Tradução das introduções e notas de La Sainte Bible. São Paulo: Paulus, 1995. At 12: 1-2.

expande, sobretudo para legitimar a presença das relíquias nas Astúrias, e para justificar o seu esquecimento por séculos⁵. Na *Historia Compostelana*, nos é possível vislumbrar uma das hipóteses para os séculos de anonimato do túmulo de São Tiago. De acordo com a crônica, “durante, pues la irrupción de los sarracenos, y aun por muchos años después de la restauración de los fieles, el venerando sepulcro del Apóstol, no siendo frecuentado por las visitas de Cristiano alguno [...] (HISTORIA COMPOSTELANA, 1950, LIBRO PRIMERO Cap. 1, p. 20) e dessa forma, teria permanecido até a época do Bispo Teodomiro. A narrativa, considera que o encontro do túmulo, seria um sinal de reconciliação entre os cristãos e sua fé em Cristo, tais evidências seriam notáveis sobretudo, na forma em que teria se dado o reencontro dos restos mortais de Tiago, permeados por aspectos miraculosos.

Unos personajes, varones de grande autoridade, fueron al mencionado obispo, y le refirieron como habían visto muchas veces de noche ardientes luminárias en el bosque – que durante muchos años había crecido sobre la lumba del glorioso Santiago – y, también que un ángel se había aparecido ali frecuentes veces. Oido esto, fué él mismo al lugar donde afirmaban haber visto tales cosas: y vió, sin género de duda, por sus propios ojos las luminárias sobre el lugar referido. Movido luego por la divina gracia, entrose aceleradamente en el mencionado bosquecillo y, registrándolo con gran diligencia, halló en médio de malezas y arbustos una casita que contenía en su interior una tumba marmórea⁶. (HISTORIA COMPOSTELANA, LIBRO PRIMERO, 1950, p. 22).

Desde o século IX, data do descobrimento do sepulcro, o apóstolo São Tiago tem sido um dos mais notáveis protagonistas da história da Igreja, seja na Península Ibérica ou na Europa Ocidental. “A devoção ao apóstolo São Tiago, discípulo direto de Jesus Cristo e evangelizador do Ocidente, estava na origem mesma do fato cultural e sociológico da peregrinação ocidental”. (SINGUL, 1999, p. 62). Inicialmente, o Caminho de Santiago constituía-se como uma peregrinação suplementar da peregrinação a Roma, em razão das dificuldades de se peregrinar a cidade apostólica. Com a morte de Carlos Magno no século IX, o Império carolíngio entrou em crise e Roma se tornou um lugar de inquietação social, devido ao esfacelamento do Império, suscitando mais dificuldades.

⁵ Segundo López-Mayán (2011, p.41), “o documento mais antigo a tratar sobre as circunstâncias da descoberta é a Concordia de Antealtares (1077) ” e outros testemunhos mais tardios como o *Cronicón Iriense*, escritos em Santiago em fins do século IX.

⁶ Segundo notas da *Historia Compostelana*, o túmulo com mármore, seria semelhante as “arcas marmóreas” associadas aos reis e por sua vez, suscetíveis a serem corrompidas ou arrombadas. (HISTORIA COMPOSTELANA, LIBRO PRIMERO, 1950, p. 22).

No século X já é possível encontrar nas narrativas, a presença de peregrinos estrangeiros. “Os primeiros peregrinos valões, flamengos e alemães apareceram desde o princípio do século XI. No fim do século, eram ingleses e italianos: a peregrinação a Compostela ganhou uma dimensão internacional na Europa”. (SOT, 2002, p. 361).

El primer registro de peregrinación, Alemania lo tenemos en el año 1072, cuando Sigfrido I, arzobispo de Maguncia, cansado del peso de la mitra renunció a su cargo y peregrino a Compostela [...] Ansgot de Brunwell fue por su parte el primer peregrino inglés constatado que visitó Compostela, al conservarse dos cartas suyas al obispo Robert de Lincoln y al Cabildo de la catedral de Santa María, donde les manifiesta su intención de fundar en Burwell un priorato dependiente de la abadía de Sauve Najeure (Buerdos), por la caridade y el amor que hacia él habían demostrado cuando volvía de su peregrinación. (GARCÍA COSTOYA, 1999, p. 35-36).

No século XII, a peregrinação alcançou grande importância e o *Liber Sancti Jacobi*, demonstra esse cenário, como também, colabora no aumento dos números de peregrinos convidando-os a seguirem o Caminho de São Tiago. Paulatinamente intensifica-se a peregrinação, que atinge o seu apogeu no século XII. O *Locus Jacobi* é neste século transformado em arcebispado, e o seu primeiro arcebispo, Diego Gelmírez, toma importantes medidas político-administrativas e culturais para fomentar a peregrinatio e para embelezar a catedral e a cidade, com o beneplácito da poderosa Abadia borgonesa de Cluny. (MALEVAL, 2005, p. 19).

A motivação das viagens e peregrinações, se davam em torno da devoção que se tinha a São Tiago; “o peregrino empreendia a viagem *pietatis causa*, como fizeram monges e bispos”. (SINGUL, 1999, p. 63). Outras causas são verificáveis, tais como a empresa de pessoas que partiam em peregrinação pelas almas de terceiros, para agradecer uma graça atendida ou para se preparar para pedir ao Santo determinado favor. Muitos peregrinos também seguiram o caminho, através da peregrinação forçada. A peregrinação como penitência era imposta, seja pelas instituições canônicas ou pelos tribunais seculares. A penitência canônica obrigava o peregrino penitente a se dirigir a Santiago de Compostela, a cumprir duras penas, fazendo grande esforço físico, praticar o jejum, e vestir-se com poucas vestimentas, não raro, em alguns seguiam nus. Quanto às peregrinações penitenciais dos criminosos era comum o uso de pesadas correntes, que tornavam ainda mais difícil a peregrinação.

Em relação aos aspectos comerciais, o Caminho de Santiago, desde os primórdios das peregrinações assumiu um importante papel. Através das vias de peregrinação, comerciantes transportavam as suas mercadorias e promoviam mercados, além de abastecerem o Caminho e a cidade de Santiago de Compostela. “Os arcebispos composteláns tiveron que se preocupar de garantirlo abastecimento da Ciudad del Apóstol, que non estaba preparada para responder a demanda da poboación flotante de peregrinos”. (PAIVA ALVES, 2011, p. 60). Segundo López-Mayan, o desenvolvimento de Santiago se inseriu em um movimento urbano e geral, isto em razão de sua condição de Sé apostólica, que atraía os peregrinos, mas também um amplo número de favores dos reis, “desejosos de contar con en el respaldo del Apóstol, y el interés de la jerarquía eclesiástica, que estableció en Compostela gran cantidad de comunidades religiosas, base del perfil eminentemente clerical de Santiago” (LÓPEZ-MAYAN, 2011, p. 53), e de suas atividades socioeconômicas e culturais.

O Caminho de Santiago proporcionou a origem de diversas cidades e de instituições de apoio aos peregrinos, assim como colaborou para a difusão de inúmeras narrativas a tratar, seja do itinerário e os milagres em torno da veneração das relíquias de São Tiago como também dos princípios da Sé compostelana e sua expansão. Alguns dos milagres que são narrados no *Liber Sancti Jacobi* se passam nos caminhos que levam a Santiago de Compostela. Sejam quais forem os motivos que impulsionavam os fiéis a se dirigirem ao Caminho de Santiago, são inegáveis o legado e a representatividade que o culto jacobeu suscitou para a crença dos homens do Ocidente Medieval. A redação do *Liber Sancti Jacobi* ou *Codex Calixtinus*⁷, como também é conhecido, colaborou para a promoção da peregrinação,

Como o *Liber Sancti Jacobi* se constitui em uma obra narrativa destacamos alguns pressupostos teóricos em favor da utilização do discurso narrativo na concepção do conhecimento histórico. Como salienta Veyne, “um acontecimento

⁷ A autoria do *Liber Sancti Jacobi* é atribuída ao papa Calixto II (1119-1124). Vários textos que fazem parte do códice atribuem a esse papa a sua autoria. Calixto natural de Borgonha, era irmão de Raimundo de Borgonha, primeiro esposo de D. Urraca, filha de Alfonso VI e rainha de Leão e Castela. No entanto, “[...] nenhum pesquisador contemporâneo aceita essa autoria para o *Liber Sancti Jacobi*, além do próprio códice, não há qualquer outro testemunho que o corrobore. As demais obras de autoria de Calixto II preservadas não mencionam essa compilação, e o texto apresenta incoerências cronológicas face a trajetória desse pontífice. (SILVA, 2008, p. 35).

histórico não é só o que acontece, mas o que pode ser narrado, ou que já foi narrado em crônicas e lendas”. (VEYNE, 1998 p. 83). Dessa forma, não somente as narrativas descritas no *Liber Sancti Jacobi*, mas outras narrativas provenientes do medievo que tratem sobre a tradição e da história de Compostela e os milagres de São Tiago nos possibilita um passeio pelo caminho de construção do mito e sua fundamentação como referência para a Cristandade. Segundo Paul Ricoeur (2010, p. 251) “na qualidade de narrativa, toda história versa sobre algum grande sucesso ou algum grande fracasso dos homens que vivem e trabalham juntos, em sociedades ou nações ou em qualquer outro grupo organizado de modo duradouro”. Assim como também, é possível estabelecer através desta análise, além, dos aspectos culturais contidos no imaginário, as representações que o mito de Santiago de Compostela influenciou no espaço público e político da *Hispania*. Sendo assim, através desta pesquisa, analisamos o Imaginário Social em relação à tradição compostelana, do mito e das peregrinações através da memória preservada na fonte em apreço. Partimos da definição que Le Goff faz do Imaginário para situá-lo como fator de incentivo às tradições, mitos e lendas. “O termo imaginário”, trata-se de uma história da imaginação da criação e do uso das imagens que fazem parte de uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que impregnam e animam”. (LE GOFF, 2011, p. 13).

Dessa forma, as viagens presentes no *Liber Sancti Jacobi*, as viagens para a descoberta do túmulo do apóstolo, e as viagens dos peregrinos que proporcionaram a disseminação do Culto à Santiago são alguns dos diversos objetos de pesquisa que esse fenômeno da cristandade pode nos proporcionar enquanto fonte. Nesse sentido, nossa dissertação tenta contribuir com as pesquisas sobre as peregrinações no Caminho de Santiago, a partir do *Liber Sancti Jacobi*. Ao analisarmos essa fonte pretendemos, observar quais seriam os fatores existentes na fonte que favoreceram a ampliação das viagens rumo à Santiago de Compostela. Como a sua narrativa colaborou para a construção do itinerário e dessa forma, ponderarmos a respeito sobretudo, das perspectivas religiosas que esse fenômeno alcançou no Ocidente Medieval. Além disso, pretende-se a análise das origens da tradição em relação a evangelização de São Tiago na Península Ibérica.

Após a discussão da fonte, entendemos que sobretudo, o contexto (entre os séculos IX e XII), teriam favorecido o sucesso da peregrinação à Compostela,

determinando o seu apreço para os cristãos. Também é possível afirmar que os monarcas dos reinos ibéricos, tenham motivado a produção das narrativas e o fortalecimento da tradição compostelana, para justificarem a longevidade da evangelização e conversão desta região ao cristianismo. E finalmente que os milagres descritos no Livro II, seriam frutos de uma tradição oral e teriam sido escolhidos para estarem presentes na compilação, a fim de promover o Caminho de Santiago, a Basílica de Santiago de Compostela e o culto apostólico de Tiago na Península Ibérica.

Dessa forma, essa pesquisa se divide em três capítulos distintos. Na primeira parte discutimos, a respeito da elaboração do *Liber Sancti Jacobi*. Apresentamos considerações acerca dos cinco livros da coletânea, a partir da perspectiva da redação do códice e das influências deste para a expansão e o fortalecimento do culto e das peregrinações rumo à Compostela. O objetivo deste capítulo é apresentar a fonte eleita para a pesquisa, analisar os aspectos históricos do contexto em que esta foi redigida e a lenda em torno da presença das relíquias de São Tiago em território galego. Além de a sua importância para a construção e a legitimação do Caminho em direção à Santiago de Compostela.

Em seguida, nos dedicamos a versar a respeito do caráter das peregrinações. A primeira e a mais diletta destas, as viagens dos peregrinos à Terra Santa. Considerada santa, por ter sido palco da presença do próprio Cristo, Jerusalém exerce fascínio não apenas entre os cristãos, mas sobretudo, entre as três principais “religiões dos livros”, junto ao cristianismo, o judaísmo e o islamismo. Todas elas, com sítios de relevância ímpar para cada uma dessas crenças. Após isso, fazemos um breve relato a respeito da tradição em torno da romaria em direção a sé apostólica por excelência, sede administrativa da Igreja, Roma. Por fim, nos propomos a analisar a tradição da peregrinação de São Tiago, e as concepções a ela associadas.

No terceiro capítulo da dissertação, o Livro de Milagres, presente na fonte considerada, são os objetos de análise e em nossa perspectiva, são fundamentais para a compreensão do sucesso do mito em Santiago de Compostela e a legitimação deste em terras galegas. Conforme o interesse da análise, selecionamos capítulos do Livro II, procurando compreender, as influências culturais e sociais do

contexto, para a redação dos milagres ali descritos, a partir da compreensão destes, entendemos ser possível avaliar a influência dos prodígios contidos na narrativa, para a construção do itinerário de Santiago de Compostela. Nesse sentido, torna-se possível entendemos que as histórias ali encerradas, são um dos aspectos que proporcionaram, posteriormente reverência em toda a Península Ibérica e por sua vez, na Europa ocidental medieval à S. Tiago.

CAPÍTULO 1: O CODEX CALIXTINUS E SÃO TIAGO

Nas palavras de Adeline Rucquoi (2007, p. 95), o *Liber Sancti Jacobi*, já fez e ainda fará rios de tinta jorrar, o que podemos comprovar nessa pesquisa é que o fascínio provocado pelo mito jacobeu, que veio a se materializar nas páginas do *Códex Calixtinus* é a porta de entrada para uma paisagem nos que aproxima do Imaginário existente no auge da peregrinação, nos mostrando não apenas os aspectos políticos, que visavam à afirmação do Santo e da legitimidade da presença de suas relíquias em território galego, mas também, culturais e sociais daqueles que se arriscavam no Caminho de Santiago de Compostela.

1.1. O *Liber Sancti Jacobi* – *Codex Calixtinus*

Considerada principal fonte a tratar do mito compostelano, o *Liber Sancti Jacobi* é um códice que reúne cinco livros, que se dedicam a versar a respeito dos aspectos, litúrgicos, históricos, religiosos, culturais, e de promoção do itinerário de Compostela. Escrito em latim, os pesquisadores concordam que a maior parte dos textos descritos no códex são originados do século XII. A denominação *Codex Calixtinus*, se dá pelo fato da autoria dos livros serem atribuídos ao Papa Calixto II⁸, nascido em Borgonha, ex-abade de Cluny e cunhado de Dona Urraca, filha de Alfonso VI, através de seu primeiro casamento. Contudo, é consenso entre os pesquisadores que a autoria do códice não é de Calixto II. A primeira hipótese do possível autor dos livros presentes no *Liber Sancti Jacobi*, é a de um possível Pseudo-Calixto⁹, ideia já não mais aceita. O outro autor descrito na obra é um certo bispo Turpim, “arcebispo de Reims, a quem incumbem a redação do livro IV¹⁰. Outra das hipóteses levantadas, é que o códice seria resultado de um esforço conjunto de monges cluniascenses da Gália, empenhados em inserir os ritos romanos no culto de São Tiago. (SILVA, 2008, p. 36). Porém, há estudiosos que rejeitam tão

⁸ O *Liber Sancti Jacobi* (PRÓLOGO, 1951, p. 1), afirma, que Calixto II, foi papa de 1119 a 1124. Se chamava Guido de Borgonha e era irmão dos condes da Galiza e Portugal, Raimundo e Enrique, genros de Alfonso VI. Seria um amigo próximo de D. Diego Gelmírez e favorecedor da Ordem de Cluny, onde foi eleito papa em 1119. Segundo o códice, Calixto provavelmente esteve em Santiago de Compostela em 1101, quando seu irmão D. Raimundo faleceu.

⁹ Segundo Silva (2008, p. 35-36), essa é a tese defendida por Díaz y Díaz, em: DÍAZ Y DÍAZ, M. C. Los himnos em honor de Santiago de la liturgia hispânica. Barcelona: El Albir, 1976.

¹⁰ A tradução de Moralejo, por nós utilizada, afirma que, Turpim seria “Arzobispo de Reims (788 o 794), a quien los autores desta narración la atribuyeron, para prestigiarla con su nombre; enlazado a las leyendas carolingias, su nombre y hazañas se popularizaron en España. (LIBER SANCTI JACOBI, LIBRO IV, 1951, p. 403).

suposição, afirmando que o provável redator da obra seria um clérigo francês¹¹ ligado ao bispo D. Diego Gelmírez. Complementando essa teoria, os estudiosos propuseram um nome ao autor, um certo Ayméric Picaud. Segundo, Vázquez de Parga, Lacarra e Úria Riu (1948, p. 175), Picaud teria sido o coordenador da compilação da obra, hipótese que é defendida por obra de autores recentes, a de que a autoria do *Liber Sancti Jacobi*, não se deve a apenas um autor, mas que esta seria uma obra coletiva¹².



Figura 1. A rainha D. Urraca (1109-1126)¹³.

¹¹ Tese defendida por Lambert (1946-1947, p. 375 apud SILVA, 2008, P. 36),

¹² Estudiosos como Rucquoi (2007, p. 117), defendem o caráter coletivo do código e que este seria uma obra feita no episcopado de D. Diego Gelmírez, que intentava inventar “um caminho, ao mesmo tempo real e maravilhoso, que leva os grandes santuários de peregrinação do século XI – Jerusalém, Roma, Saint Martin de Tours, Vézelay, le Puy, Saint Gilles – em direção à basílica de Santiago de Compostela”.

¹³ In: Tumbo A (s. XII). Santiago de Compostela, Archivo de la Catedral, ms. 1, f. 31. In: CASTRO DÍAZ, Beatriz; LÓPEZ-MAYÁN, Mercedes (coord.) Historia de Santiago de Compostela. Coruña: Via Láctea, 2011, p. 103.



Figura 2. El arzobispo Diego Gelmírez bendice a los caballeros Froilo Alfonso y Pedro Muñiz ante una asamblea de fieles¹⁴.

Os livros do *Codex Calixtinus* se iniciam com uma apresentação da unidade, objetivando responder possíveis dúvidas em relação ao culto e à peregrinação de Santiago de Compostela. O primeiro livro trata-se de uma obra litúrgica, com sermões, homílias e missas. Concentra em si a maior parte do códice por conter 33 capítulos precedidos por um prólogo que se inicia afirmando a autoria de Calixto II. No prólogo do Livro I, o autor orienta como e quando os responsórios, cânticos e missas deviam ser executados.

O segundo livro do *Liber Sancti Jacobi* recolhe os vinte e dois milagres atribuídos à São Tiago. Segundo Moralejo (1951, p. 335), responsável pela tradução do latim para o espanhol da fonte que utilizamos nessa pesquisa, este é o livro mais conhecido do códice. A compilação da segunda parte da fonte em questão, as vezes é chamada de *Liber de Miraculis*. O autor amplia nosso conhecimento acerca dos milagres situando as possíveis datas em que alguns dos milagres foram escritos – possivelmente entre os anos 1122 e 1124, sendo os milagres II e V e situa a

¹⁴ In: Tumbo de Toxosoutos (ss. XII-XIII). Madrid, AHN, ms. 1302, f. 2v. In: CASTRO DÍAZ; LÓPEZ-MAYÁN, Mercedes. (coord.). Historia de Santiago de Compostela. Coruña: Via Láctea, 2011, p. 88.

redação dos demais entre os anos 1100 e 1110. Na introdução destes, o autor, afirma, que conheceu esses milagres,

“[...] en Galicia, otros en Francia, otros en Alemania, otros en Italia, otros en Hungría, otros en La Dacia, algunos también más allá de los três mares, diversamente escritos, [...] otros los aprendi em tierras bárbaras, donde el santo Apóstol tuvo a bien obrarlos, al contármelos quienes los vieron u oyeron; algunos los he visto com mis propios ojos, y todos ellos diligentemente, para gloria del Señor y del Apóstol los encomendé a la escritura. Y cuanto más belos son, tanto más los estimo. (LIBER SANCTI JACOBI, LIBRO II, 1951, p. 335-336).

O terceiro livro do códice, trata a respeito do retorno das relíquias de São Tiago à Compostela, após o seu martírio na Palestina. Este é o menor dos livros, pois além do prólogo, contém apenas quatro capítulos. É nessa parte, que há afirmação da predicação de Santiago na *Galiza*, e que temos contato com a *revelatio* feita de forma milagrosa, segundo o autor ao eremita Pelayo e ao Bispo Teodomiro de Iria Flávia¹⁵.

O capítulo I do livro III, nos traz alguns dados biográficos de Tiago. Aqui se afirma o parentesco de Tiago e João, destacando juntamente com Pedro a predileção de Jesus por esses discípulos. Pois, teria sido para estes três que Jesus Cristo teria se transfigurado no monte Tabor. Após, a morte, a Ressurreição e a Ascensão de Jesus, destaca que o apóstolo teria partido para os confins do Ocidente, sendo essa região a *Hispania*.

O capítulo II, tem sua autoria atribuída ao Papa Leão II, seu conteúdo se dedica a versar como as relíquias de S. Tiago foram transladadas para a *Galiza*. Parte do martírio sofrido pelo apóstolo e a angústia que acomete seus discípulos de deixarem o corpo do apóstolo a mercê dos judeus. A narrativa nos informa que “um ángel del Señor”, teria aparecido aos companheiros de Tiago por desígnio de Deus, com uma embarcação preparada para a viagem. Com ventos favoráveis e após uma viagem tranquila os seguidores de São Tiago teriam aportado em Iria. Em seguida,

¹⁵ Iria Flavia del itinerario de Antonino, el actual Padrón a 20 kms de Santiago sobre el Sar y próximo a la confluência de este río com el Ulla. El nombre de Iria parece precéltico (ligur para Schuelten o quizá ibérico). La ciudad romana era ya obispado antes de los suevos; mas al ir passando la capitalidad de la dioceses a Compostela, desde el descubrimiento del sepulcro del Apóstol bajo l Obispo Teodomiro la Iglesia de Iria se tituló segunda catedral. (LIBER SANCTI JACOBI, LIBRO TERCERO, 1951, p. 387).

teriam deixados os restos mortais do apóstolo em um local chamado *Libredón*¹⁶, distante há cerca de oito milhas de Iria. Os mesmos discípulos teriam erguido uma pequena construção sob o sepulcro apostólico, adornada com um altar, e em breve teria surgido um pequeno culto em favor do santo. Dois dos companheiros de Tiago, a saber Teodoro e Atanasio, teriam permanecido na pequena igreja, para cuidar do túmulo, enquanto os outros partiram pelos reinos hispânicos a fim de evangeliza-los. Aqueles discípulos que teriam permanecido junto as relíquias de São Tiago, teriam sido enterrados junto ao seu mestre, um à direita e outro à esquerda.

O capítulo III é segundo o códice de autoria do Papa Calixto, este se ocupa em situar as datas das solenidades em homenagem ao santo. Sendo, que, o dia 25 de março seria o dia que o dileto discípulo teria sofrido o martírio em Jerusalém. A data de 25 de julho é a que se deve comemorar a saída das relíquias de S. Tiago de Iria a Compostela. No dia 30 de dezembro rememoram a data em que seus restos mortais teriam sido sepultados. E em 3 de outubro seria o dia dedicado a celebrar os milagres de São Tiago, em especial o milagre XVII, em que um peregrino que se matou induzido pelo diabo, por intercessão do Apóstolo e com o auxílio de Santa Maria, ressuscitou.

O capítulo IV, resume-se a um parágrafo, que traz uma melodia cantada pelos peregrinos, para afastar as “insígnias do inimigo”.

Se cuenta que siempre que la melodía de la caracola de Santiago, que suelen llevar consigo los peregrinos, resuena en los oídos de las gentes, se aumenta en ellas la devoción de la fe, se rechazan lejos todas las insidias del enemigo; el fragor de las granizadas, la agitación de las borrascas, el ímpetu de las tempestades se suavizan en truenos de fiesta; los soplos de los vientos se contienen saludable y moderadamente; las fuerzas del aire se abaten. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO TERCERO, CAP. IV, 1951, p. 402).

O quarto livro do códice, descreve a lenda acerca da presença de Carlos Magno em Hispania, a pedido de São Tiago a fim de libertar o seu sepulcro dos muçulmanos. No primeiro capítulo, desta parte do *Liber Sancti Jacobi*, é apresentada à carta de um certo Turpim, que seria arcebispo de Reims¹⁷, a Luitprando que segundo a fonte seria próximo de Carlos Magno. Após este, seguem-

¹⁶ Segundo as notas de Moralejo (1951, p. 394), o local recebeu o nome de *Libredón* (*Liberum donum*), por ser uma doação de Lupa.

¹⁷ O suposto Turpim (morto em 788 ou 794), teria sido arcebispo de Reims e segundo o códice seria não apenas o narrador, mas também supostamente esteve presente nas incursões de Carlos Magno pela *Hispania*.

se vinte e seis capítulos, que narram desde a aparição do apóstolo a Carlos Magno, até sua suposta cruzada em território hispânico. Conhecido também, como História ou Crônica Turpim, o Livro IV do códice, traz “ as lendas carolíngias e as tradições orais e textos escritos sobre os heróis de gesta que circulavam entre os peregrinos francos e por aqueles que viviam nos bairros de brancos das cidades do Caminho Francês”. (SINGUL, 1999, p. 165). A narrativa, traça um caminho, por situar as cidades onde o imperador carolíngio teria libertado com seus pares do julgo muçulmano. São inúmeros os lugares que o capítulo três cita como locais que teriam sido libertos por Carlos Magno e seus soldados.

Todas las citadas ciudades¹⁸, unas sin lucha, otras con grandes batallas e insuperable estratégia, las conquisto entonces, excepto Lucerna, fortificadísima ciudad que está em Valverde y que no pudo tomar hasta lo último. Pero finalmente llagó junto a ella, la sitió y mantuvo el sitio por espacio de cuatro meses y tras elevar sus preces a Dios y a Santiago, cayeron sus murallas y permanece inhabitable hasta hoy em día [...]. (LIBER SANCTI JACOBI LIBRO IV, CAP III, 1951, p. 413).

Nota-se que os locais, colaboram para a promoção de um caminho onde o imperador carolíngio e seus pares, influenciados por São Tiago teriam libertado os cristãos dos sarracenos, e ordenado que se enriquecesse a basílica de Santiago de Compostela. Vários personagens citados nesta parte do códice estão presentes nas trovas francesas, tais como Aigolando, um rei sarraceno que Carlos Magno e seu exército enfrentaram. Em nota Moralejo (1951, p. 418), diz que há uma “*Chanson d’Agoland*” em fins do século XII e início do século XIII que cita Aigolando. O cavaleiro Rolando, famoso pela *Chanson de Roland*, teria estado junto a Carlos Magno em uma das batalhas contra o exército de Aigolando. Segundo o *liber* em razão de sua atuação em favor da libertação do sepulcro de São Tiago e dos cristãos na Península Ibérica, Carlos Magno teria promovido mais boas ações em

¹⁸ Segundo o Liber Sancti Jacobi (LIBRO IV, CAP. III, 1951, p. 410-413), são estas as cidades: (na Galiza): Viseo, Iamego, Dumio, Coimbra, Lugo, Orensem Iria, Tuy, Mondoñedo, Braga, Santa María de Guimarães, Coruña, Compostela (nesse período ainda um pequeno povoado). Em outros territórios da Península Ibérica: Alcalá, Guadalajara, Talamanca, Uceda, Olmedo, Canales, Madrid, Maqueda, Santa Olalla, Talavera, Medinaceli, Berlanga, Osma, Sigüenza, Segovia, Avila, Salamanca, Sepúlveda, Toledo, Calatrava, Badajoz, Trujillo, Talavera, Guadiana, Mérida, Zamora, Palencia, Lucerna Ventosa, Caparra, Asotrga, Oviedo, león, Carrión, Burgos, Nájera, calahorra, Urancia, Estella, Calatayud, Milagro, Tudela, Zaragoza, Pamplona, Bayona, Jaca, Huesca, Tarazona, Barbastro, Rosas, Seo de Urgel, Elna, Gerona, Barcelona, Tarragona, Lérida, Tortosa, Berbegal, Carbona, Oreja, Algayat, Adania, Ispalida, escalona, Málaga, Burriana, Cutanda, Ubeda, Baeza, Petroissa, Valencia, Denia, Játiva, Granada, Sevilla, Córdoba, Abla, Guadix – onde S. Torquato, um dos discípulos de São Tiago estaria enterrado, e segundo o códice, florescem milagrosamente frutos na festa em comemoração ao santo em 15 de maio -, Mallorca, Bugía, Gelves, Orán, Ibiza, Formentera, Alcoroz, Almería, Almuñecar, Gibraltar, Carteya, Ceuta, Algeciras y Tarifa.

favor de sua salvação e que o apóstolo teria intercedido por sua alma. O *Pseudo-Turpin*, colaborou com a promoção do caminho em direção a Santiago de Compostela e o culto às relíquias do santo, ao exaltar o prestígio da Igreja de Santiago em relação as outras sés hispânicas, por contar com a presença do imperador carolíngio em exercício para a sua libertação.

O Livro V do *Codex Calixtinus* é intitulado como o Guia do Peregrino e, é responsável por indicar aos peregrinos locais ideais para seguirem o caminho, as hospedarias, e uma descrição detalhada do altar da catedral apostólica no século XII. Este livro foi por alguns séculos o quarto livro do códice, em razão do *Pseudo-Turpin* ter sido retirado no século XVII. O autor apresenta o livro sem delongas, intitulado os onze capítulos da coletânea. Sendo o capítulo I, aquele em que são enumeradas as cidades em direção ao Caminho. Seriam quatro os caminhos em direção à Santiago de Compostela, que em Puente la Reina¹⁹, se tornam um só caminho.

No segundo capítulo do Guia do Peregrino, são enumerados dias de caminhadas no itinerário. De Somport até Puente la Reina, segundo o autor são três dias, sendo que, daí até Santiago de Compostela levam-se treze dias para se chegar até Compostela. O livro preocupa-se em citar todas as cidades em que os peregrinos deverão passar. O capítulo seguinte trata dos nomes dos povos que estão no Caminho de Santiago. Aqui o códice nos informa acerca dos Hospitais, das termas e outras igrejas e basílicas²⁰ que se situam no itinerário. Neste capítulo é possível associar os locais citados com outros que fazem parte da narrativa do *Pseudo-Turpin*, tornando concebível a ideia de que o Guia do Peregrino procura afirmar as lendas presentes no Livro IV do *Liber Sancti Jacobi*. O capítulo III do quinto livro do códice posteriormente as citações dos diversos locais citados anteriormente, prontamente entrega seu fim exaltando a glória de Compostela.

[...] por último Compostela, la excelentísima ciudad del Apóstol, que posee toda suerte de encantos y tiene en custodia los preciosos restos mortales de Santiago, por lo que se la considera justamente la más feliz y excelsa de

¹⁹ A Puente la Reina, de Pamplona, deve seu nome a D. Mayor esposa de Sancho III o Maior que teria mandado construir a ponte para facilitar a passagem dos peregrinos.

²⁰ Tais como o Hospital e Priorato de Santa Cristina de Summo que se situava em Somport e o Hospital de Roldán, que segundo Moralejo (1951), já era um local bastante conhecido no século XII. Conforme notas de Moralejo, “[...] El Hospital de Roldán. Formaba con la Capilla de Carlomagno el santuario de San Salvador de Ibañeta”. (MORALEJO, 1951, p. 503).

todas las ciudades de España. (LIBER SANCTI JACOBI, LIBRO V, CAP. III, 1951, p. 506-507).

O autor do guia, tem a preocupação de listar não apenas, os locais anteriormente citados para guiarem os peregrinos, mas também, para preveni-los dos gastos necessários durante a peregrinação. O capítulo IV do Guia do Peregrino, procura situar Compostela como uma das três maiores peregrinações cristãs, junto a Terra Santa e à Roma, a citar três hospitais, segundo o autor do códice, colunas necessárias para o sustento dos pobres. O cronista fala a respeito do Hospital de Jerusalém, o de Mont-Joux²¹ e o já citado Santa Cristina em Somport.

Estos três hospitales están colocados em sítios necessários; son lugares santos, casas de Dios, reparación de los santos peregrinos, descanso de los necesitados, consuelo de los enfermos, salvacion de los muertos, auxilio de los vivos. Así, pues quienquiera que haya edificado estos lugares sacrossantos poseerá sin duda alguna el reino de Dios. (LIBER SANCTI JACOBI, LIBRO V, CAP. IV, 1951, p. 508).

Em seguida, temos um capítulo atribuído a um certo Aimerico, que seria parte do corpo de auxiliares de Calixto II. Nessa parte são exaltados os nomes de grandes personagens que prestaram o seu auxílio à promoção do Caminho de Compostela. Peregrinos do período de D. Diego Gelmírez, Alfonso VI e Alfonso VII, além, da rainha D. Urraca, são lembrados e rendem preces em agradecimento ao auxílio prestado por estes no incentivo a peregrinação compostelana.

Na sessão seguinte do Guia, o autor posiciona o leitor em relação aos “bons” e “maus” rios que fazem parte do percurso compostelano. Assim, como no primeiro capítulo o escritor situa cada uma das cidades que o viajante irá passar, aqui ele cita os rios de água doce que possuem boa água para consumo, e aqueles que não são indicados. O capítulo VII por sua vez, notifica em relação aos tipos de pessoas que se encontram no Caminho de Santiago. Trata a respeito das qualidades das pessoas que ali vivem, sobre os produtos que são cultivados e produzidos através percurso. Até os insetos que flagelam os peregrinos são lembrados em conjunto com as passagens onde se encontram. Até esse ponto do Livro, os capítulos foram breves e sucintos, neste por sua vez, são dedicadas quase dez páginas para tratar dos aspectos anteriormente citados e das qualidades e prejuízos que podem ser causados pelos moradores ao longo do caminho.

²¹ Mont-Joux, fica em Gran San Bernardo, onde foi fundado o albergue de S. Bernardo de Menthon, para auxílio aos romeiros que peregrinavam em direção a Roma.

No capítulo VIII, o autor se refere às relíquias de santos depositadas no trajeto. São santos e mártires que tem sua biografia citada de forma concisa no Guia, enaltecendo a presença desses “corpos santos” e as solenidades em comemoração aos mesmos, finalizando com S. Tiago em Compostela. Para este livro o escritor se preocupou em narrar as benfeitorias dos santos e suas relíquias.

A narrativa do códice no capítulo IX, se interessa em apresentar Compostela. Escrito a quatro mãos, por Calixto II e Aymerico²². Devido a isto, passamos a conhecer a respeito de outras nove igrejas – dez com a basílica – situadas na cidade apostólica. A citar a catedral do apóstolo, os escritores, nos apresentam as medidas desta, naquele contexto. São criteriosos em relação a alturas das naves e pilares do edifício, assim como as vidraçarias, ventanas, pórticos e uma fonte. São descrições detalhadas, que revelam a grandiosidade do santuário, já no século XII, corroborando a importância da Sé compostelana no prelado de D. Diego Gelmírez. Em determinado tópico da supracitada divisão, somos apresentados a descrição do altar de Santiago.

[...] divinamente iluminado com paradisíacos carbunclos, constantemente honrado com fragrantos y divinos aromas y adornado com refulgentes círios celestiales y diligentemente festejado com presentes angélicos. Y sobre su sepulcro hay um pequeno altar, que, según se disse, hicieron sus mismos discípulos y que, por amor del Apóstol y de sus discípulos, nadie há querido demoler después. Y sobre él hay um altar grande y admirable, que tiene cinco palmos de alto, doce de largo y siete de ancho. (LIBER SANCTI JACOBI, LIBRO V, CAP. IX, 1951, p. 565-566).

Ao fim, desse artigo, após enaltecem os aspectos do altar apostólico, desde suas medidas até os adornos, os autores enaltecem a figura de D. Diego Gelmírez, ordenando a boa memória em relação ao arcebispo, por ser o primeiro a ocupar este cargo em Santiago de Compostela, mas intrinsecamente, do trabalho prestado por Gelmírez em favor da Sé Compostelana. No capítulo X, os autores se referem aos cânones de Santiago, como devem ser realizadas a começar pelas ofertas, ao tratamento dos enfermos. Nota-se a preocupação dos autores em serem didáticos, sempre trazendo advertências a respeito de quaisquer fraudes ou desrespeito sejam dos ritos, ou mesmo no tratamento aos viajantes e isso se torna ainda mais visível no encerramento desse artigo, e no conteúdo do capítulo XI, quando o autor atenta

²² Segundo notas de Moralejo (1951, p. 550), Aymerico, era um francês oriundo de Berry, foi ordenado cardinal por Calixto II em 1120 e aparece em 1123 como chanceler. Até o seu falecimento, provavelmente em 1141, teria sido confidante de três papas, o próprio Calixto II, Honório II e Inocencio II, seguindo como protetor de D. Diego Gelmírez.

já em seu título para como deve ser feita a recepção dos peregrinos em Compostela, sem distinção entre pobres ou ricos. O artigo XI, adverte aqueles que não dispensam bom tratamento aos peregrinos de S. Tiago, se usando de exemplos de hospedeiros que não prestaram boa hospedagem aos peregrinantes. Ao fim do quinto livro, somos apresentados a uma oração, e em seguida a uma carta atribuída ao Papa Inocêncio II e mais alguns milagres atribuídos pela fonte ao século XII.



Figura 3. Detalhe do sepulcro de São Tiago no altar da catedral de Santiago de Compostela nos dias atuais²³.

²³ In: <http://www.santiagoturismo.com/percorrido/altar-mayor> Acesso em 01/03/2018.

Nota-se que o Guia do Peregrino, foi escrito não apenas como uma espécie de manual de promoção do caminho, bem como um orientador aqueles que pretendiam seguir em peregrinação à Compostela. Encerra em si aspectos da realidade compostelana no século XII e nos permite conjecturar as dimensões admiráveis da catedral já na Idade Média.

1.2. As hagiografias: Relatos de Santidade.

No princípio do século IV, o Cristianismo sofria intensas perseguições²⁴ por parte do Império Romano, e, como efeito desses embates ocorreram numerosos martírios. A transformação nesse cenário só veio em 312 d.C. com a ascensão de Constantino, ao passo que a condição da Igreja cristã abandonou a “*condição de seita perseguida e passou a ter um status privilegiado*”. (BURROW, 2013, p. 219). A partir dessa transição à medida que a memória dos apóstolos se distanciava, a Igreja tomou consciência de seu presente e futuro, mas também de seu passado, e de que era essencial distinguir e defender uma tradição autêntica.

Era fundamental demonstrar continuidade com as profecias do Antigo Testamento, com o testemunho dos apóstolos e as linhas de sucessão que partiam deles e iam até o os bispos cristãos e com os ensinamentos daqueles que se estabeleceram como autoridades, os Patriarcas da Igreja. (BURROW, 2013, p. 220).

Essa história, que fundamentava os primórdios da Igreja se deu no século IV com Eusébio de Cesaréia. Eusébio inaugurou outro gênero de história, que alcançou enorme popularidade e que lançaria as bases para a hagiografia medieval, o martirologio cristão. O martírio espelhado na crucificação de Cristo, com precedentes remotos nos livros dos Macabeus e na morte de Sócrates, tornou-se uma questão central para os cristãos.

O martírio, prefigurado na crucificação de Cristo, com precedentes remotos nos livros dos Macabeus e na morte de Sócrates, tornou-se uma questão central para os cristãos. Os mártires triunfavam na forma como morriam, e iam direto para o céu. Sua celebração se tornou uma característica importante da liturgia cristã, e as descrições dos martírios – por vezes muito

²⁴Tais como, a Perseguição de Diocleciano, que foi a penúltima grande perseguição perpetrada pelo Império Romano aos cristãos, entre 299-301 e 311 d. C. A intensidade desta perseguição geral foi diversa nas diferentes regiões imperiais. As mais agudas ocorreram no Oriente, que estava diretamente submetido a Diocleciano. As ações tomadas contra os cristãos em princípios do século IV foram, sobretudo, no âmbito político, confisco de bens e mortes. (SILVA, 2009, p. 177).

detalhadas, como no caso de Eusébio -, [...] vieram a ser uma forma de literatura latina popular. (BURROW, 2013, p. 221).

Segundo Rebelo (2004), as narrativas hagiográficas têm estreitos laços com a Antiguidade pagã, em razão de sua forma de retratar o “herói”²⁵ da fé como os heróis antigos. De fato, em sua apresentação literária, a hagiografia se ancorava nos modelos clássicos de biografia, e era um dos vários gêneros que corporizavam uma tradição biografista. “Quando os cristãos começaram a redigir as biografias dos seus santos, não podiam ignorar uma rica tradição clássica de autores como Xenofonte, Cornélio Nepos, Plutarco, Tácito, Suetônio, dentre outros, nem podiam evitar a influência desses mesmos autores”. (REBELO, 2004, p. 135). Todas essas referências, no entanto, se adequavam aos aspectos literários, pois as hagiografias mostravam em suas narrativas a luta de homens e mulheres que se dignificavam em imitar o exemplo de Cristo.

A denominação hagiografia em sua etimologia significa: *hagios*: santos; *graphia*: escrita, enquanto termo é utilizado desde o século XVII, época em que se ampliaram os estudos críticos acerca dos santos, suas histórias e cultos.

São considerados textos de natureza hagiográfica os que possuem como tema central, os feitos ou qualquer elemento relacionado ao culto de um personagem considerado santo, seja um mártir, uma virgem, um abade, um monge, um pregador, um rei²⁶, um bispo, ou mesmo um pecador arrependido. (SILVA, 2008, p. 75).

Para Certeau (2008) a hagiografia traz à comunidade momentos de festa e lazer, suas leituras seriam feitas em períodos de descanso e em intervalos recreativos. Era continuamente recitada nos dias de festa e nos lugares de

²⁵Ao caracterizar o herói da Antiguidade Franco Júnior o situa como: “o mais ambíguo e talvez a mais importante personagem mítica [...], espécie de super-homem, intermediário entre o mundo terreno e o divino [...] Este é um ser glorioso, lembrado pelas gerações futuras devido a seus feitos e, sobretudo à maneira pela qual realizou”. (FRANCO JÚNIOR, 1996, p. 159). Situamos que o santo medieval conservou várias das características do herói da Antiguidade, em razão da permanência desses elementos da epopeia Antiga nas hagiografias medievais, isto, pois, embora a Igreja tenha se esforçado para se distanciar de um “paganismo” dos antigos, a mesma não conseguiu impor que certas práticas culturais se integrassem a sua própria.

²⁶Exemplares diretos da utilização da hagiografia no âmbito político, a aristocracia ao ter um membro de linhagem conseguia o êxito político que sagrava a linhagem, revestindo de um caráter de santidade. “Assim como os mártires foram os primeiros santos a serem canonicamente reconhecido como tais, também os primeiros reis a ascenderem aos altares foram desde o séc. VI os santos reis mártires – Segismundo (523), Rei da Borgonha e fundador do Mosteiro de S. Maurício de Agaune (Valis), Santo Edmundo (839), Rei da Ânglia Oriental; S. Venceslau da Boémia (929); Santo Olavo da Noruega (1030) dentre outros -, seguindo-se lhes, desde o século IX, os santos reis confessores”. (REBELO, 2004, 145).

peregrinação, e tinham a finalidade de comemorar a vitória dos santos contra o mal e a morte.

A vida dos santos traz a comunidade um elemento festivo. Ela se situa do lado do descanso e do lazer. Corresponde a um “tempo livre”, lugar posto à parte, abertura “espiritual” e contemplativa. Não se encontra do lado da instrução, da norma pedagógica, do dogma. Ela “diverte”. Diferentemente dos textos nos quais é necessário acreditar ou praticar, ela oscila entre o crível e o incrível, propõe o que é lícito pensar ou fazer. (CERTEAU, 2008, p. 270).

Em razão de seu caráter de “vacância”, conforme a própria denominação utilizada por Certeau, os estudiosos não consideravam as hagiografias como material canônico ou teológico. Essa concepção influencia o não enquadramento das narrativas hagiográficas, como História, mas sim como um tipo de literatura. Porém, o posicionamento de Leclercq (1957, p. 154 *apud* SILVA, 2008, p. 76) é contrário a esta perspectiva, segundo o autor, quando os homens da Idade Média escreviam sobre santos, acreditavam estar fazendo História. Isto, pois, os hagiógrafos ao escreverem as vidas dos santos, com a preocupação em narrar os acontecimentos passados que eles consideravam verdadeiros²⁷.

Para Sobral (2007), é inegável que os textos hagiográficos ofereçam múltiplas perspectivas que complementam a compreensão da santidade: a história das instituições eclesiais, das mentalidades, da literatura, cultura, ou seja, são instrumentos que colaboram para a compreensão das relações histórico-culturais em que estavam inseridas. A História produzida no medievo ocidental era em todos os seus âmbitos uma história cristianizada. E, mesmo sem romper com a tradição clássica, os autores cristãos se dedicaram a aperfeiçoar as formas textuais dos antigos e desenvolverem novas formas, pois, a Bíblia²⁸ era o modelo de História, por excelência.

²⁷Na concepção de Sobral (1995, pp. 97 – 107), a “hagiografia não tem um estatuto epistemológico diferente do da historiografia e que a abundância de ficção e de maravilhoso, correntemente alegada por alguns autores para estabelecer a distinção genológica, não distingue realmente textos historiográficos de textos hagiográficos e sim textos escritos a maior ou menor distância dos acontecimentos narrados.”

²⁸Em sua obra *Confissões*, S. Agostinho exclama: “[...] já principiara, contudo, a crer que de modo nenhum concedereis autoridade tão prestigiada à Escritura em toda a terra, se por meio dela não quisésseis que acreditassem em Vós e vos procurassem”. (LIVRO VI, 2014, pp. 134 – 135). Dessa forma compreendendo a importância dos cristãos medievais às Sagradas Escrituras, estamos com Nascimento (2014, pp. 112 – 113) quando a historiadora afirma que: “A fonte cristã por excelência que narra a intervenção divina e miraculosa na vida dos homens e mulheres é a Bíblia

A História era considerada uma grande unidade: tudo o que fora relatado no Antigo Testamento era prenúncio do que se cumpriu no Novo: e quando os homens da Idade Média pensavam a sua própria História, viam-na como a realização do anunciado por Cristo a seus apóstolos. Nesse sentido, nasceram a História Eclesiástica, a Hagiografia e a concepção providencialista da História. Para os homens medievais, portanto, a História tinha um sentido: a salvação dos homens; um começo: a criação; um ponto central: a economia de Cristo; um fim: o mundo terreno acabará e os fiéis viverão no paraíso. (SILVA, 2008, p. 77).

Essa concepção de História é adversa da nossa, pois, após o fim da Idade Média, com a secularização, resultou em uma ruptura entre a Historiografia e a Hagiografia. “Com o divórcio entre as partes, pouco espaço restou para o tratamento da vida dos santos, afinal, a História deixou de ser vista como obra transcendente, mas como uma obra humana”. (SILVA, 2008, p. 77)²⁹. As hagiografias eram permeadas pelo caráter de celebração, isto, pois, se constituíam em monumentos que celebravam a vitória do santo em sua trajetória heroica. Entretanto, conforme afirma Rebelo (2004, p. 150):

Os Cristãos sempre entenderam que os santos, na presença de Deus, não se esqueciam dos que ainda penavam neste vale de lágrimas. Os santos podiam servir de mediadores entre o Céu e a Terra e os Homens que solicitassem a sua intercessão. Ora, o principal local de culto a um santo era o seu túmulo. O Céu e a Terra tocavam-se onde houvesse veneração de relíquias. A presença destas suscitavam peregrinações, imprimindo, por sua vez, o impulso necessário à construção de templos, de forma a permitir uma veneração condigna do padroeiro local.

Através da posse de relíquias seguiam em peregrinação aos lugares santos, tais objetos eram tão ou mais importantes que as hagiografias para o culto dos santos. Entretanto, os santos eram modelos de cristãos que tentaram imitar Cristo e que em seus cultos eram tidos como intercessores dos fiéis junto ao Deus ‘opressor e onipotente’. O culto dos santos não é uma tradição original da Idade Média, desde a Antiguidade, com os mártires, os locais de seus sepulcros tornaram-se também de locais de veneração e culto dos fiéis. Ao morrerem seguindo Cristo e empenhados na manutenção de sua mensagem, os mártires alcançavam a glória do paraíso e a

Sagrada. Desde o Antigo Testamento encontram-se vários textos em que o milagre acontece por interseção humana junto à divindade”.

²⁹Segundo Boesch Gajano (2002, p. 462), “entre o final do século XV e a primeira metade do século XVI, novas exigências religiosas e culturais suscitam o aparecimento de uma atitude fortemente crítica diante de cultos considerados supersticiosos ou diante de relatos julgados mais prejudiciais do que favoráveis à causa dos santos. [...] Nesse período estabelecem-se as bases da hagiografia científica, que se torna um verdadeiro ramo da historiografia (o termo “hagiografia” conservou o sentido original escrito relativo aos santos, mas também adquiriu com o tempo o sentido pejorativo de relato deturpado por motivos apologéticos) ”.

vida eterna, e eram reverenciados por essa trajetória exemplar e por agirem como mensageiros entre os homens e Cristo.

[...] as testemunhas da fé – mártires e depois confessores – inicialmente apenas “mortos excepcionais” cuja lembrança era perpetrada pela comunidade através da celebração do aniversário da morte (o *dies natalis*, dia do nascimento para a verdadeira vida), rapidamente se tornam “intercessores”, graças à evidência da proximidade que tinham com deus. Considerado um mediador junto a Deus e um protetor eficaz, o santo adquire o título de “patrono” e efetua funções análogas às exercidas pelo *patronus* (“patrono”) romano em relação a seus *clientes* (“clientes”, que podem ser tanto comunidades inteiras como simples indivíduos). O santo é o “companheiro invisível” de homens que vivem uma época de crise e precisam estabelecer uma relação de intimidade tranquilizadora com algum defunto ilustre. (BOESCH-GAJANO, 2002, p. 451).

Se no princípio os cultos dos mártires era o fenômeno principal de santidade, após o século IV, estabelece-se na Cristandade uma espécie de hagiocracia³⁰. Entre os séculos VI e VIII são inúmeros os santos que estiveram uma relação estreita com o poder³¹. Nesse período os mais simples, não ascenderão à glória dos altares.

[...] o Ocidente deveria herdar da alta Idade Média toda uma série de representações mentais no domínio da santidade que só lenta e parcialmente serão repostas em discussão nos séculos seguintes. Entre essas características fundamentais figuram a preponderância masculina³² (90% dos santos dessa época são homens), a preponderância dos adultos – a infância não suscitava então qualquer interesse especial – e, sobretudo, os laços existentes entre o nascimento aristocrático e a perfeição moral e religiosa. (VAUCHEZ, 1997, p. 216).

Entre os séculos X e XI, os novos protagonistas da santidade são os reis santos, que serão aqueles a alcançar a glória dos altares. Em busca de legitimação de seus reinos, as novas dinastias que se estabeleceram na Europa entre os séculos VIII e X³³, optaram por estabelecer alianças com a Igreja. Espelhando-se no Império Cristão, renovaram a tradição dos ritos de unção e da coroação. “Pela sacração, o rei distinguia-se da aristocrata leiga e colocava-se ao lado dos oradores, transformando-se numa espécie de – bispo externo – cuja acção a Igreja orientava e moralizava”. (VAUCHEZ, 1989, p. 216). A partir desse estreitamento de relações, surgiram os primeiros exemplos de santidade de alguns soberanos, em especial,

³⁰Tal termo se designa a afirmar a forte presença da aristocracia entre os santos medievais, sobretudo, entre os séculos VI e XI. Rebelo (2004), salienta a importância desse modelo de santidade entre as diversas linhagens reais entre os cristãos europeus a fim de sacralizar a própria linhagem.

³¹A percepção dominante era herdada do Império Romano anterior à Constantino. A mesma afirmava que a perfeição moral e espiritual se dava dentro de uma linhagem ilustre e essa mentalidade era partilhada tanto pela Aristocracia e a Igreja, quanto pelos humildes.

³²É a partir do século XIII, que as mulheres adquirem uma maior importância na santidade medieval.

³³Podemos citar dentre estas dinastias os Carolíngios, os Otões, os Capetos, dentre outros.

aqueles que morreram em circunstâncias trágicas. Com Gregório VII (1020? - 1085), e sua Reforma³⁴, o caráter de santidade passa por uma transição. Gregório veio a censurar o comportamento pouco “cristão” do poder secular e os mais pobres passam a ser elevados ao possível status de santidade, o papa assume também a decisão sobre os processos de canonização. Com tais medidas, são passíveis dois modelos de santos no Ocidente, aqueles que eram reconhecidos pelo papa e os que não eram. A Igreja³⁵ trabalha para motivar o modelo de santidade apostólica e evangélica, baseada no desejo de volta à pureza original do Cristianismo.

Para que surja uma fama de perfeição, contam acima de tudo, as privações e os sofrimentos a que os servos de Deus se sujeitaram voluntariamente. A santidade mediterrânica identifica-se com um tipo de vida e um modelo de comportamento que se baseiam na pobreza e na renúncia. [...] S. Francisco (morto em 1226), o <<poverello>> de Assis, é certamente quem mais longe levou esse esforço de actualização da mensagem evangélica na vida terrena, chegando ao ponto de reproduzir a Paixão de Cristo. A sua vida é a expressão acabada da nova concepção de santidade, fruto de uma vivência íntima e de um amor que tentava descobrir em todos os homens e, sobretudo nos mais deserdados, a face de Deus. (VAUCHEZ, 1997, p. 220).

A santidade de Francisco seguiu influenciando os homens medievais, entretanto os tipos de santidade continuaram se modificando e se expandindo até o fim da Idade Média. A Igreja na Baixa Idade Média restringiu cada vez mais o número de santos em seus altares, e recrudescer o processo de canonização. Entretanto, os fiéis seguiram venerando homens, mulheres e até crianças espontaneamente, por uma série de razões diferentes.

Mas o principal fator para o sucesso dos santos junto aos fiéis era objetivamente o culto às relíquias³⁶. Ainda mais significativas que as hagiografias, as relíquias, restos mortais ou objetos que pertenciam aos santos, tornaram-se objetos de culto e veneração, em relação aos sepulcros, os mesmos eram vistos como um local que estabelecia a presença dos santos no Céu e na Terra. Nos sepulcros, os cultos se expandiam em razão das importantes transladações, dos costumeiros

³⁴Sobre a Reforma Papal: RUST, Leandro Duarte. A reforma papal (1050 – 1150): trajetórias e críticas de uma história. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

³⁵Com efeito, a Igreja também situava a perfeição da vida cristã, na época dos apóstolos e mártires.

³⁶Nascimento (2014, p. 106) afirma: As relíquias são realidade materiais que têm por objetivo aproximar o homem do sagrado, cumprindo um papel cultural e espiritual, sendo fundamentais para o entendimento das práticas, dos rituais e das crenças cristãs.

roubos de relíquias e dos poderes tautológicos desses objetos, que intermediavam as indulgências e os milagres entre Deus³⁷ e os fiéis.

1.3. São Tiago e a Tradição

Como já salientado, o Livro III do *Liber Sancti Jacobi*, carrega em si uma parte da biografia do apóstolo Tiago, o Maior. Contudo, este artigo do códice, se destina sobretudo, a dar profundidade milagrosa a construção do mito da predição de Tiago, e da presença de suas relíquias em Compostela.

Segundo o Livro III do códice, após a Paixão, Tiago teria partido para os limites do Ocidente onde predicou entre os anos 33 e 42, quando teria voltado a Jerusalém. Esses “confins do mundo”, ao que acreditam se encontraria a Galiza à qual o próprio Paulo, entre os anos 63 e 67 visitaria. A tradição dita, que ao voltar à Jerusalém Tiago teria sido preso e condenado por Herodes Agripa I, rei da Judéia, tornando-se o primeiro apóstolo a sofrer o martírio.

El, pues mientras los otros iban a diversas regiones del mundo, llevado a las costas de España por voluntad de Dios, predicando enseñó la divina palabra a las gentes que y la tenían por patria. Y habiéndose detenido allí algún tiempo, mientras fructificaba entre espinas la pequeña semilla que quería recoger entences, se cuenta que confinado em Cristo eligió siete discípulos, cuyos nombres son estos: Torcuato, Segundo, Indalecia, Tesifonte, Eufrasio, Cecilio, Hesiquio, para con sua ayuda extirpar de raíz, arrancándola, de la divina palabra a una tierra que permanecía estéril de largo tiempo. Y al acercarse su último día se dirigió rapidamente a Jerusalén, de cuyo amical consuelo no se privo a ninguno de los citados discípulos Y mientras una perversa muchedumbre de saduceos y fariseos lo rodea, le plantea, seducida por la vieja astucia de la serpiente, innumerables problemas sobre Cristo. Pero inspirado por la agracia del Espíritu Santo, su enlocuencia no es superada por nadie; por lo que la rugiente ira de aquélla se exacerba incitada com mayor violencia contra él. Y con el estímulo del odio hasta tal punto se enciende y enloquece, que es cogido por la cruel injusticia y vehemencia de los iracundos y es llevado a presencia de Herodes para recibir la muerte Y condenado por una encarnizada sentencia de muerte, y bañado en el charco de su rosada sangre, coronado com triunfal martirio, vuela al cielo, laureado com inmarcesibles laureles. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO TERCERO, 1951, p. 386-387).

Após, a execução de São Tiago seus discípulos teriam se apossado de seus restos mortais e os transportado de volta à *Hispania*, já que segundo a tradição os

³⁷Segundo Silva & Silva (2011, p. 143), “milagre de acordo as noções cristãs, ou seja, sua autoria é sempre e unicamente atribuída ao poder de Deus, mesmo que seja realizado através de emissários seus (a Virgem, os santos, etc.)”.

apóstolos deveriam ser sepultados nos locais em que predicaram. No local indicado pela revelação divina para se enterrar o corpo do Apóstolo, os discípulos de Tiago encontram uma viúva chamada Lupa, dona do local onde a mesma cultuava um ídolo. Segundo o Liber Sancti Jacobi, a mulher seria de 'nobilíssima' estirpe, contudo, teria se voltado a uma sacrílega superstição. Os discípulos pedem então a viúva o local de seu culto pagão para servir de túmulo ao seu mestre. Entretanto, a senhora arma uma cilada e manda os discípulos diretamente ao rei que vivia em Dúgio³⁸. A narrativa prosseguiu descrevendo que os companheiros de Tiago procuram o rei e relatam os seus propósitos, em favor da manutenção das relíquias de seu mestre.

El rey, pues, aunque al principio de su exposicion le oía atento y benévolo, sin embargo, atónito por un increíble estupor, dudando qué había de hacer e inspirado por diabólica sugestión ordena, em el colmo de la crueldade, que ocultamente se les prepare uma emboscada y que se mate a los siervos de Dios. Pero, no obstante, descubierto esto por voluntad de Dios, marchándose secretamente, escapan huyendo con rapidez. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO III, CAP. I, 1951, p. 389).

O autor segue narrando a respeito da fuga dos discípulos de São Tiago, que teriam despertado a fúria do mencionado rei. Os discípulos de São Tiago enfrentam dragões³⁹ e passam pelo exército do rei em uma situação semelhante à de Moises na fuga dos hebreus do Egito. Ao ver o sucesso dos discípulos contra os seus ardis Lupa converte-se, e oferece o altar de seu ídolo para servir de sepulcro ao santo Apóstolo.

Na segunda parte deste livro, nos apresenta uma outra versão para o martírio do apóstolo Tiago, e do transporte das relíquias deste para a Galiza. Segundo o autor desta carta, após voltar da evangelização na *Hispania*, o apóstolo teria retornado à Jerusalém. Na Terra Santa, no décimo primeiro ano após a Ascensão, em razão do fato de ter ido a sinagogas, Tiago teria sido preso pelo pontífice Abiatar, e condenado a morte junto com seu discípulo Josías, por ordem de Herodes. A crônica segue de forma, mais sintetizada em relação aos perigos enfrentados pelos companheiros de Tiago. No capítulo seguinte, que como citado anteriormente se dedica a situar as datas das solenidades de Tiago, também introduz a história do

³⁸Cidade que se situava ao norte do Cabo de Finisterre, que está praticamente coberta pelo mar.

³⁹ Segundo Moralejo (1951, p. 391), o aparecimento do dragão pode ser interpretado como sendo se uma serpente, relacionada possivelmente a um culto druídico.

martírio. Esse capítulo se inicia com as referências a respeito da agonia do apóstolo no martírio, e da presença dessa história nos Atos dos Apóstolos.

El evangelista San Lucas, em los Hechos de los Apóstoles, cuenta que el apóstol San Pedro en los días de la Pascua fué encarcelado por Herodes, cuando disse: << Eran, pues, los días de los ázmos, etc.>>, y que Santiago fué muerto antes de la Pascua por el mismo Herodes, a saber, em tempo del hambre que se predijo por el profeta Agabo y que acaeció bajo el emperador romano Claudio. Dice, pues, así: „ Por aquel tempo puso el rey Herodes sus manos en maltratar a algunos de la Iglesia; mató, pués, por la espada a Santiago, Hermano de Juan>>. Señala el tempo del martirio de Santiago e incluso los personajes de la época, pero calla el día exacto. Y este día, aunque antes había sido desconocido de todos durante mucho tempo, sin embargo le fué indicado a certo fiel, conocido mío, em uma visión espiritual. En la noche de la vigília de la Anunciación de Santa María, le pareció que mientras Santiago era conducido a un palácio para ser juzgado en el consejo de Herodes, se produjo um gran altercado entre la plebe de los judios y de los gentiles, porque decían unos que el piadoso apóstol no debía ser muerto, y otros afirmaban, por el contrario, que si. Finalmente, juzgado por Herodes em inicuo juicio, es conducido por manos de los nefandos herodianos fuera de la ciudad, al lugar del martirio, atado com sogas al cuello, y degollado. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO III, CAP. III, 1951, p. 396).

Ao citar as linhas do evangelista São Lucas nos Atos dos Apóstolos, o códice procura assegurar a autenticidade dos eventos biográficos de Tiago. São breves os relatos a respeito da vida de São Tiago, por sua vez, desde a *revelatio* no século IX, são vários os documentos que procuram dar legitimidade a presença das relíquias do apóstolo na Galiza e ao culto.

CAPÍTULO 2: VIAGENS E PEREGRINAÇÕES A SANTIAGO DE COMPOSTELA



Figura 4. Detalhe de S. Tiago peregrino na catedral de Santiago de Compostela⁴⁰

Este capítulo discute o caráter das peregrinações em especial da origem e das motivações das viagens em direção ao túmulo do Apóstolo São Tiago em Compostela. Investigamos a respeito da proveniência das peregrinações no itinerário de Compostela. Sendo essa investigação, uma pesquisa que se ocupa das perspectivas religiosas para a promoção e a ampliação da tradição compostelana, considerando que os incentivos para as peregrinações eram mutáveis, as motivações da peregrinação e dos peregrinos aqui analisados, são sobretudo, aqueles que partem do contexto religioso, nesse sentido, a presença das relíquias de Tiago, o Maior, movimentaram e possibilitaram o surgimento de um itinerário que situou uma das três maiores peregrinações cristãs.

⁴⁰ Disponível em: http://www.wikiwand.com/gl/Cami%C3%B1o_de_Santiago Acesso em 12/01/2018

2.1. Ser peregrino.

As viagens em direção aos lugares sagrados, são notáveis, não apenas entre os cristãos, mas em inúmeras culturas. Caracterizadas como jornadas entremeadas de provações, as peregrinações, direcionam os viajantes para transformações de ordem espiritual, social, cultural, econômica e física. O peregrino, ao sair de sua terra natal, não é mais o mesmo ao chegar nos lugares santos, ou mesmo ao tocar as estimadas relíquias, torna-se outro. Desde a Antiguidade, é possível notar o florescimento das peregrinações. Seus objetivos poderiam ser as cidades ou os templos dedicados à recordação da presença de uma divindade, ou pelas relíquias de um herói. “Muchas veces la peregrinación tiene por objeto lugares naturales, ríos, fuentes, cavernas o grutas, en cuya proximidade se han levantado, en muchos casos posteriormente, santuarios dedicados a alguna divinidad”. (VÁZQUEZ DE PARGA [et.al], TOMO I, 1945, p. 10).

Por sua vez, a espiritualidade da sociedade medieval encerra uma série de responsabilidades dos fiéis. Dentre as suas principais causas, estão a veneração aos locais santos e às relíquias sagradas. Essas viagens, possuíam uma dual dinâmica, além de serem uma forma de penitência, eram o modo pelo qual se tornava possível, o contato com as estimadas relíquias. Las peregrinaciones tienen entre los cristianos dos orígenes distintos: uno, la veneración a los Santos Lugares, [...] el otro, el culto de los santos y de sus relíquias. (VÁZQUEZ DE PARGA [et. al.], TOMO I, 1945, p. 11). O peregrino, longe de sua casa, sentia-se realizado, um escolhido por Deus ao se aproximar das estimadas relíquias, pois, muitos eram os poderes atribuídos a esses objetos. Na condição de penitente, o peregrino é sempre um estrangeiro em terra estranha, um homem que procura a espiritualidade⁴¹, separando-se de seu mundo comum e enfrentando uma série de perigos e

⁴¹ Segundo Vauchez (1995, p. 7), a Idade Média não se ocupou em diferenciar doutrina de disciplina e dessa forma, o termo espiritualidade não tem um sentido especificamente religioso, a partir do século XII, tal denominação “se referia a designar a qualidade daquilo que é espiritual, ou seja, independente da matéria”. Para este historiador “a espiritualidade é um conceito moderno, utilizado somente a partir do século XIX”. Vauchez afirma, que para os autores, espiritualidade “exprime a dimensão religiosa da vida interior e implica uma ciência da ascese, que conduz, pela mística à instauração de relações pessoais com Deus. Quando essa experiência, depois de receber uma formulação sistemática, passa de um mestre a seus discípulos, por meio do ensino dos textos sagrados, fala-se de correntes espirituais ou escolas de espiritualidade”. (VAUCHEZ, 1995, p. 7).

adversidades. Quanto maiores fossem os perigos enfrentados nas peregrinações, mais santa e purificadora sua realização se tornava.

As origens das peregrinações no âmbito da cristandade, são verificáveis desde as raízes do cristianismo primitivo, sobretudo, devido ao interesse nas estimadas relíquias. Na Idade Média, quando o cristianismo se firmou como a religião predominante no Ocidente, o contato com tais objetos, motivavam os cristãos a seguirem em peregrinação. Nesse contexto, de constante transformação para a Igreja, os fiéis eram consideravelmente atraídos pelo Antigo Testamento. Deus era comumente representado sob a forma da Arca da Aliança e a Jerusalém dos grandes sacerdotes e dos reis já exerciam seu inexorável fascínio. Por sua vez, a Igreja também se preocupava em se assemelhar com a idealizada Cidade de Deus. A associação dos “heróis” do Antigo Testamento como os precursores da fé era comum. Carlos Magno chegou a ser denominado como o novo “Davi”. Afinal, ele mesmo se empenhou ao máximo para que a Igreja se visse liberta dos ritos pagãos e apareceu aos seus contemporâneos como um novo “Constantino”, restaurador do Império cristão. (VAUCHEZ, 1995, p. 12).

Nesse sentido, os peregrinos, desejavam através de suas viagens, também exteriorizarem suas manifestações de fé. Foi no contexto do império de Carlos Magno que a *grosso modo*, tais motivações, tornaram-se perceptíveis. O rigor exercido entre os medievais no período carolíngio em seguir os ritos, os tornou conhecidos pela derivação de “civilização da liturgia”. Uma sociedade, na qual o padre estava próximo do levita⁴², e os fiéis eram assimilados como o “povo de Deus” do Antigo Testamento. Foi na Alta Idade Média, que o fascínio de se tornar um modelo exemplar estabeleceu-se entre os cristãos. Nesse contexto uma nova disciplina penitencial, constituiu-se, visando elevar o nível religioso dos fiéis, sobretudo, em relação à moralidade, mas também sob a perspectiva da caridade. A concepção de penitência voltava-se para a prática de dar esmolas e surgiram as penitências tarifadas, que consistiam, no alcance da experiência com o Transcendente, através da “barganha” com os sacrifícios.

A mudança na disciplina eclesiástica contribuiu para tornar a penitência um sacramento reiterável, o quanto fosse necessário para o cristão. O fiel conseguia o

⁴² Membro da tribo hebraica sacerdotal de Levi. Levita de ascendência não aarâmica, dedicado ao serviço do Templo, com atribuições acessórias ao culto.

perdão após cumprir a pena infligida pelo confessor, de acordo com a tarifa indicada, nos chamados penitenciais. [...] “os fiéis, rezando pouco, eram esmagados pela culpa da qual só podiam se libertar na morte. Assim, acolhiam com alegria a possibilidade de absolvição através da confissão e expiação de suas faltas”. (VAUCHEZ, 1995, p. 21).

Dessa forma, os fiéis e até mesmo os clérigos, consideravam as viagens peregrinatórias como um exercício ascético e uma nobilíssima forma de penitência. Estes estavam convencidos de que só através de uma dolorosa expiação poderiam obter a remissão dos seus pecados. O apelo maior dado a essas viagens do século VIII em diante, colaborou para uma maior proximidade entre a devoção professada pela doutrina cristã e os anseios populares, como também possibilitou a composição de importantes documentos e narrativas. Também é possível destacar que após o século IV, até os princípios das primeiras grandes navegações, as peregrinações determinaram a estrutura das comunicações e da economia europeia, das cidades que possuíam as relíquias. Para os homens que se deslocavam, os fatores materiais e espirituais eram os aspectos motivadores. Além disso, os grupos de peregrinos detinham em seu interior homens originados de todos os setores da sociedade medieval.

Como viajeros físicos, los peregrinos constituyeron, quizá, el grupo socialmente menos homogéneo de viajeros de la Europa medieval. Un rey, un noble, un obispo, un embajador, un mercader, un artesano, un campesino..., cualquiera puede ser peregrino. (GÁRCIA DE CORTÁZAR, 1993, p. 14).

Muitos eram os perigos enfrentados pelos viajantes, são vários os testemunhos que dão vida à angústia e aos riscos aos quais eles estavam expostos. No entanto, os cristãos, se entregaram a essas viagens apaixonadamente, fossem elas destinadas a Santiago de Compostela, à Roma ou à Jerusalém. Os fiéis enfrentavam a dura realidade das longas viagens, mas, através destas acreditavam estar reencontrando o sentido profundo de sua fé. Sendo assim, em relação às motivações individuais, há um leque de possibilidades tais como, a cura de doenças ou o desejo de purificação da alma, seja do peregrino ou de outra pessoa. A ideia de Purgatório na Idade Média Central, promoveu as viagens de peregrinos que partiam no lugar de outra pessoa que em vida não podia empreender a viagem, eram os chamados peregrinos por procuração.

Las razones que ponen al peregrino en camino fueron siempre, a título individual, muy variadas. No es difícil resumirlas. En principio, la peregrinación es producto del deseo de purificación que incluye una promesa; y su incentivo es la imploración o la acción de gracias. En su cumplimiento, según épocas, unos motivos pesaron más que otros. Hasta fines del siglo XI, la fe y la devoción espontáneas fueron los estímulos más generales de lo que, muchas veces, era la búsqueda de un milagro. El fiel lo esperaba, ante todo, del contacto con una reliquia del santo intercesor. Así, el contrapunto necesario e inevitable del peregrino eran el guardián o guardianes de las reliquias; normalmente, una comunidad monástica o canonical. Dentro de ella, dos funciones decisivas. La del custodio de la iglesia y las reliquias, encargado de recibir y acomodar a los peregrinos. (GÁRCIA CORTÁZAR, 1993, p. 15).

Em razão, dessa busca incessante por estar em contato com as relíquias de seus santos prediletos, não causam surpresa, as ações dos clérigos que se dirigiram à Roma, para comprar ou mesmo furtar, os restos dos mártires, para as regiões desprovidas desses objetos de devoção. Na falta de sepulcros, as relíquias tornavam-se altamente requisitadas. E a atração que as mesmas suscitavam era indescritível: “para conseguir uns restos das ossadas ou umas lascas da Vera Cruz, empreenderam-se as mais perigosas expedições, gastaram-se somas incríveis, batalhou-se, roubou-se....” (BONASSIE, 1985, p. 166).

O resultado valia o esforço, “multidões de leigos compareciam, convencidos de que a vibração dos preciosos restos se tornava mais eficaz quando eles eram elevados da terra e transferidos com reverência e pompa de um local para outro.” (VAUCHEZ, 1995, p. 25-26). Cenário que evidencia o caráter de complexidade da espiritualidade medieval, em razão, da importância que as relíquias alcançam enquanto manifestação de materiais necessários para a representação do sagrado.

[...] com efeito, a experiência religiosa não consiste apenas em crenças e num imaginário do além e do divino e nem somente em palavras e gestos (orações, homilias, ritos, etc.), mas consiste, também, em manipulações de objetos de toda a espécie, cuja natureza, grau de consideração e funções são variadas. (SCHMITT, 2007, p. 280).

Ao fim de sua marcha, o peregrino tentava ver ou tocar uma imagem, uma estátua, um sepulcro, procurando encontrar o sobrenatural. Ao tocar o túmulo, tentava estabelecer um contato com o santo e através deste com Cristo. O encontro não se apresenta de forma sensorial ou mesmo intelectual, mas sim na ordem existencial. Os fiéis esperam através de esta experiência estabelecer contato com algo que ultrapasse a experiência humana. (SOT, 2002).

Estar em contato com os lugares santos produz uma experiência mística de grande valor; significa recordar um acontecimento sublime, sagrado. Para

os peregrinos, poder estar presencialmente nos locais da vida e da paixão de Cristo representava a oportunidade de vivenciar seu sacrifício pela humanidade, testemunhando sua passagem sobre a Terra. A carga histórica e simbólica desses espaços de devoção estava presente nos locais citados nas Sagradas Escrituras e também nas cidades que possuíam os corpos dos apóstolos e mártires do cristianismo. Para além da localização das cenas bíblicas e dos lugares de sepultura dos santos é preciso inserir nas rotas dos peregrinos o desejo de venerar objetos associados à memória espiritual do cristianismo, as relíquias. Estas representavam a oportunidade de uma comunicação direta com Deus, a materialidade do sagrado, trazendo prestígio ao local em que se encontravam. (NASCIMENTO, 2017, p. 73).

Não há dúvidas de que as peregrinações eram um fenômeno espontâneo, no entanto, as suas realizações não deixaram de ser organizadas e regulamentadas. Em primeiro lugar pela autoridade judicial, ao instituírem a peregrinação penitenciária, sancionada aos criminosos, sendo a punição para vários delitos e crimes, tanto por parte das instâncias eclesiásticas, quanto por parte de tribunais civis e posteriormente pelas ordens militares e religiosas. Em suas rotas desenvolveram-se um sistema de amparo aos peregrinos. Cluniacenses⁴³ e Premonstratenses⁴⁴, por exemplo, multiplicaram a fundação de hospitais nos itinerários de peregrinações, fixaram as grandes rotas e se tornaram entusiasmados incentivadores das mesmas. Os Hospitalários assumiram a missão da proteção e albergue aos peregrinos. O Papado por sua vez, estimulou as peregrinações com a outorga das indulgências e através da organização dos jubileus, isto é, grandes concentrações de peregrinos que eram agraciados com as indulgências em datas consideradas significativas, tais como, os que aconteceram em 1300 e 1350. (BONASSIE, 1985, p. 167 – 168). O fiel partia em marcha aos grandes santuários, por decisão individual, por outro lado, muitos caminhavam juntos criando fraternidades que se prolongavam após as peregrinações, resultando em confrarias.

A partir do século XI, um novo modelo de peregrinação se apresentou aos cristãos, as Cruzadas, que também se encaixam nos moldes de uma peregrinação.

⁴³ Ligado a Ordem de S. Bento, o mosteiro de Cluny, foi erguido entre os anos 909 e 910, em terras doadas pelo Conde Guilherme de Aquitânia. A Ordem de Cluny, exerceu um importante papel para o monarquismo ocidental. Segundo Pedro Venerável em *Dispositio rei familiaris* (1047-1054), entre os anos 1147-1148, Cluny chegou a contar com 400 monges e seria “o tesouro público da república cristã”. (COELHO DIAS, 2011, p. 123).

⁴⁴ A Ordem dos Premonstratenses foi fundada por S. Norberto em 1120 e alcançou significativa importância na Península Ibérica, principalmente em Castela, após a construção dos mosteiros de Santa María de Retuerta e Santa María de La Vid. (FUERTES, 2015, p. 21).

A partir de 1095, la predicación de la primera cruzada hizo que la peregrinación a Jerusalén se mezclara con dosis de una guerra santa. Según protagonistas o cronistas, la cruzada aparecerá más como peregrinación o como guerra santa". (GÁRCIA DE CORTÁZAR, 1993, p. 15).

Nessas cruzadas populares, os peregrinos tentavam se assemelhar aos hebreus descritos no Êxodo, como um povo que percorria o deserto sob o olhar de Deus. Em busca de Jerusalém e através de todos os perigos enfrentados para lá se chegar. Para os cruzados morrer em Jerusalém era a maneira mais apropriada de se alcançar a salvação.

Pero la cruzada como peregrinación tiene algo más: una perspectiva escatológica. La Jerusalén terrestre, imagen de la celeste, es el lugar en que se producirá la parusia de Cristo. Sociológicamente, es también una empresa nueva, de carácter colectivo y universal. Una empresa, tal vez, sin retorno. Por ello, quienes participen, quienes tomen la cruz, se beneficiarán de indulgencia plena. La pena temporal debida por sus pecados les será perdonada. (GÁRCIA DE CORTÁZAR, 1993, p. 15).

Na condição de peregrino, mas paramentado como um soldado de Cristo, os cruzados partiam para libertar o patrimônio de Deus. Assim, a cavalaria estava sacralizada e a salvação do cavaleiro passava por sua conversão, à renúncia à secularidade e para isso, ele não precisava se retirar do mundo, sua renúncia se dava pela mudança da "cavalaria secular" para a "cavalaria de Cristo".

O cruzado, à semelhança do peregrino, gozava de um estatuto especial ao tomar a cruz. Vislumbrava a indulgência, ou seja, a remissão das penas temporais, bem como a diminuição da penitência; além disso, tinha garantida a proteção contra as agressões armadas e usufruía da isenção de impostos e de privilégios de foro. Sua viagem, como a daqueles que partiram antes, tinha como alvo Jerusalém, de forma que apenas mais tarde, no século XIII, foi possível distinguir aqueles que viajavam por devoção e os que viajavam para defender a Terra Santa. (FRANÇA, 2017, p. 19).

As peregrinações demonstram que a imagem de um indivíduo imóvel, deflagrada em relação ao homem medieval há certa incoerência⁴⁵, pois, este vivia em constante movimento, de uma região para outra. Segundo Jacques Le Goff

⁴⁵ A imagem construída pela historiografia tradicional, de uma Idade Média imóvel em que o camponês está ligado a terra e a maioria dos homens e mulheres à sua pequena pátria, com exceção de alguns monges e viajantes e de aventureiros das cruzadas, foi recentemente substituída pela imagem, frequentemente a caminho, in via, que encarna a definição cristã do homem como viajante, como peregrino, *homo viator*. (LE GOFF, 2010, p. 97).

(1989), o homem medieval pode ser classificado em duas concepções, o *homo viator* e o homem penitente⁴⁶. Em relação ao *homo viator* o historiador diz,

[...] *homo viator*, do homem em marcha, em viagem permanente nesta terra e na sua vida, que são o espaço/tempo efêmeros do seu destino e onde ele caminha, segundo as suas opções, para a vida ou para a morte – para a eternidade. [...] todos os homens da Idade Média eram peregrinos potenciais ou simbólicos. (LE GOFF, 1989, p. 13).

Caracterizada como uma prova espiritual, as peregrinações eram uma dura ascese, na qual o peregrino vestido em sua indumentária especial – os instrumentos da rota eram antes benzidos da viagem, o cinto e a sacola, o cajado com nó grosso e o cantil e por fim o manto – preparava o seu testamento, e “como o monge, de certa maneira ele morria para o mundo quando pegava a estrada. E ao retornar, era outro homem”. (SOT, 2002, p. 354). Para os homens que se deslocavam, os fatores materiais e espirituais eram os aspectos motivadores, *grosso modo*, para a maioria, não só nenhum interesse material os retinha em suas casas como o próprio espírito do cristianismo os impelia à estrada, seguindo assim as palavras de Cristo difundidas pela Igreja, “deixe tudo e segue-me”. Além disso, os grupos de peregrinos detinham em seu interior homens oriundos de todos os setores da civilização medieval.

Como viajeros físicos, los peregrinos constituyeron, quizá, el grupo socialmente menos homogéneo de viajantes de la Europa medieval. Un rey, un noble, un obispo, un embajador, un mercader, un artesano, un campesino..., cualquiera puede ser peregrino. (GÁRCIA DE CORTÁZAR, 1994, p. 14).

É notável, que as peregrinações não foram apenas realizações com o caráter espiritual. Diversos centros de peregrinações se destacaram ao longo da história da cristandade ocidental. Contudo, três destes merecem destaque, a saber: Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela. Quais seriam as origens dessas peregrinações, e o caráter que cada uma delas significou para os cristãos?

No que tange às peregrinações no contexto da Península Ibérica, é necessário salientar a presença islâmica na região. Apesar de ser um fenômeno religioso, a devoção a outros santuários espalhados pelo caminho e a consideração

⁴⁶ Em relação à concepção do homem penitente Le Goff (1989, p. 13) ressalva, “Mesmo que não seja monge” – penitente por excelência – mesmo, que não seja atormentado pela ideia de que o trabalho é uma penitência, o homem da Idade Média, condicionado pela concepção do pecado que lhe foi inculcada, procura na penitência o meio de assegurar a sua salvação.

do apóstolo como defensor e valedor dos cristãos em Hispania – aqui em especial, no reino das Astúrias a princípio, pois, o culto ao santo não era aceito em toda a região peninsular, sobretudo, em razão da *Hispania* moçárabe, onde a devoção à Santiago, seria considerada heresia -, proporcionaram dimensões diferenciadas de outras regiões cristãs do Europa. “O Caminho de São Tiago e o culto ao filho de Zebedeu vão ter como aliado o fato da simpatia que a Europa tem pelo pequeno reino cristão, [...] que soube opor resistência [...], ao Islã”. (SINGUL, 1999, p. 69).

2.1. Jerusalém: as peregrinações à Terra Santa

As primeiras peregrinações à Jerusalém, se deram espontaneamente, através e em razão da devoção e celebração da memória de Jesus Cristo. A curiosidade por estes lugares que são citados nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos, teriam sido as primeiras motivações. O imperador Constantino I, provavelmente nascido em 272, empenhou papel significativo na transformação de Aelia, na Jerusalém de Cristo, promovendo a memória da passagem do pilar da fé cristã pela Terra, sua vida, Paixão e Ressurreição que se passaram na Palestina.

Após a ascensão do cristianismo como religião oficial de Roma no século IV, as peregrinações aos lugares da Paixão de Cristo e ao seu sepulcro alcançaram notáveis apreciações. A mãe de Constantino, Santa Helena teria sido, a primeira a estabelecê-lo, ao passo que o imperador teria ordenado a construção da Basílica do Santo Sepulcro. Já no final deste século, São Jerônimo escreveu sobre Jerusalém: “para lá vão pessoas de todas as partes do Universo; a cidade está repleta de todas as raças humanas” (SOT, 2002, p. 356). As viagens dos cristãos em direção à Terra Santa, foram se solidificando aos poucos, e seus objetivos eram direcionados a vivenciar os passos de Cristo. Contudo, os túmulos dos Santos Mártires, também eram locais de apreço destes fiéis.

O trajeto até Jerusalém estava repleto de relíquias, que preparavam espiritualmente o peregrino para estar na Basílica do Santo Sepulcro. A rota era também, santificada pela existência de túmulos, igrejas e espaços que lembravam ao fiel a presença e o sacrifício de Cristo pela humanidade. O auge seria atingir o local da crucificação e do sepulcro do Salvador. (NASCIMENTO, 2017, p. 111).

Por toda a Idade Média, Jerusalém foi o local de peregrinação por excelência, contudo, a devastação da Cidade Santa pelo persa Cosroés e a substancial conquista muçulmana em fins do século VIII, dificultaram as peregrinações. Em 1009, o califa fatímida Al-Hakim ordenou a destruição do Santo Sepulcro, mas as

peregrinações não se interromperam, pois, no século XI, em razão da conversão dos húngaros ao cristianismo, tornou-se possível a adesão de uma via marítima às vias tradicionais.

Segundo Sot (2002), o surto de milenarismo decorrente da passagem do primeiro para o segundo milênio pode explicar o aumento que a peregrinação à Cidade Santa alcançou no século XI, e a influência desta para a realização das Cruzadas. Em fins do século XI, a peregrinação à Jerusalém transformou-se em Cruzada, e em 1099, os cavaleiros “peregrinos”⁴⁷ do Ocidente conseguem apropriar-se de Jerusalém, facilitando a travessia para a Terra Santa. O predomínio dos cristãos durou menos de um século, pois em 1187, Saladino tomou Jerusalém, porém, a peregrinação cristã resistiu. No século XIII foram estabelecidos tratados que se destinavam a assegurar o livre acesso destes à cidade. Por outro lado, ficaram estabelecidas altas tarifas para a entrada na Cidade Santa, aos cristãos tornaram permitidas as entradas através de uma porta e somente a alguns santuários, algo que conseqüentemente surtiu efeito em relação ao número de peregrinos, reduzindo-os consideravelmente ao longo do século XIII⁴⁸.

Os progressos comerciais proporcionaram a manutenção da peregrinação, até a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453. No século XV, os muçulmanos permitiam a entrada nos santuários, ainda com a cobrança de impostos, mas o movimento não desapareceu e neste século a acolhida aos peregrinos já estava consolidada. Em razão das dificuldades da distância, e principalmente da importância da Terra Santa para a cristandade, sua significação espiritual e escatológica era especial.

⁴⁷Francisco Singul (1999, p. 57), traz uma citação com uma interessante denominação feita por Dante Alighieri aos viajantes de Deus em suas peregrinações aos três maiores locais, a saber, Jerusalém, Roma e Compostela. “O escritor toscano define na *Vita Nuova*, cap. XL (1293), que romeiro é aquele que vai a Roma por devoção; palmeiro, o que vai a Jerusalém, para orar nos Santos Lugares; e peregrino, o que vai à Casa de São Tiago, na Galiza, ou retorna”.

⁴⁸No mesmo período a peregrinação a Sainte-Chapelle, proporcionava aos fiéis o contato com as relíquias da Paixão, como a coroa de espinhos. Dessa forma, os cristãos tinham um local no Ocidente onde podiam venerar as santas relíquias.

2.2. Roma: as peregrinações e os cultos aos mártires

Tratando-se das peregrinações cristãs – inclusive a de Roma – estão associadas aos cultos dos santos, prática precedente dos cultos aos mártires. Os mártires são exemplos aos cristãos, que doaram sua vida a serviço e testemunho da fé.

Objeto de particulares respetos cuando habían salido convida de la prueba, muertos, se les tributo muy pronto un culto que, nacido de los comunes usos funerarios, rapidamente había de tomar características especiales. Fuera de la constancia en la práctica de la inhumación, los usos funerarios de los primeros cristianos se conformaron a casi todas las costumbres recibidas en la sociedad de entonces, hurtándose solamente a aquellas partes del ceremonial que hubieran parecido comportar la adhesión a las doctrinas del paganismo. (VÁZQUEZ DE PARGA [et. al.], TOMO I, 1945, p. 13).

Os principais aspectos observados nos cultos dos santos mártires, se encontram nos ritos funerários dos povos clássicos. A memória dos mártires não se celebra no dia do seu aniversário de nascimento, mas no dia de sua morte. No âmbito do cristianismo, as peregrinações ganham expressão a partir do século IV, com o reconhecimento por Constantino das peregrinações rumo à Jerusalém e à Roma. Na Alta Idade Média, Roma passou a receber o maior número de peregrinos em relação à Jerusalém. Segundo Sot (2002), Roma era a única cidade do Ocidente que podia pretender possuir túmulos de apóstolos e mártires. Pedro e Paulo, já recebiam culto em seus sepulcros poucos anos após os martírios e com a instituição da oficialidade do cristianismo no século IV, o culto às relíquias destes apóstolos se estendeu a toda Cristandade.

Desde muy pronto los santuarios más célebres por los milagros que en ellos ocurrían, o por la confianza de los fieles en el poder de la intercesión de los santos a que ellos se rendían culto, se ha convertido en centros concurrísimos de peregrinación, ya por fieles de la comarca, ya por gentes venidas desde lejanos países. [...] En Occidente, el centro más visitado fué Roma. Ella era ante todo el lugar donde se encontraban las tumbas de San Pedro y San Pablo; pero a su lado había em Roma los sepulcros de muchísimos mártires conocidos y desconocidos. (VÁZQUEZ DE PARGA [et. al.], I, 1945, p. 20).

A peregrinação a Roma estabeleceu-se como um tipo característico da vida religiosa anglo-saxã e é certamente a que segundo as crônicas receberam os peregrinos mais célebres, muitos desses peregrinos retornavam com as preciosas relíquias. “O rei franco Childeberto I teria enviado em 556 uma embaixada ao papa Pelágio para pedir-lhe corpos santos”. (SOT, 2002, p. 358). As primeiras instalações

dedicadas a atender os peregrinos populares, datam do século VI. O papa Símaco (498 – 514) mandou construir “quartos e camas” no pórtico exterior de São Pedro, e tamanho foi o benefício deste empreendimento que o mesmo foi sendo aumentado, posteriormente, recebendo, a instalação de termas.

Em princípios do século IX, a unidade política do império carolíngio favoreceu a peregrinação, sobretudo, a dos fiéis francos, diversos com intuítos furtivos. “Eginhardo biógrafo de Carlos Magno, relatou como as relíquias de São Marcelino e de São Pedro desapareceram, e uma narração de transladação descreve o roubo das relíquias de Santa Helena, levadas furtivamente para Hautvillers, em 842”. (SOT,2002, p. 359). Nos séculos seguintes a peregrinação sofreu certo declínio, em razão dos problemas políticos europeus. Entretanto, ainda se observam nas narrativas, diversos reis que se dispõem a via *peregrinatio* em direção a Roma⁴⁹.

2.3. A tradição jacobea e as viagens e peregrinações à Santiago de Compostela

⁴⁹Tais como: Guilherme V, duque da Aquitânia, que no século XI empreendia a viagem quase todos os anos, ou mesmo, Canuto, o Grande, rei da Dinamarca em 1027. (SOT, 2002, p. 359).



Figura 5. O Caminho Francês. Detalhe do *Liber Sancti Jacobi*⁵⁰.

Encontrado no século IX por obra de uma revelação à um eremita no limite do Ocidente conhecido até o período, o túmulo que abriga São Tiago sacramenta a tradição que garante que o apóstolo teria predicado ao norte da Península Ibérica e após ter realizado sua obra, teria retornado à Jerusalém onde sofreu o martírio. Até a descoberta do suposto túmulo de São Tiago, apenas Roma abrigava relíquias de um apóstolo de Cristo. Santiago de Compostela serviu desse modo como outro refúgio para a cristandade do período, como também para a afirmação dos ibéricos.

Tiago, o Maior é um dos mais destacados apóstolos de Cristo, pescador, filho de Zebedeu e irmão de João Evangelista⁵¹, teria sido o primeiro dos discípulos a sofrer o martírio e segundo a tradição teria presenciado desde a transfiguração no monte Tabor, até a agonia de Jesus no Getsêmani.

Después de La Pasión de Nuestro Salvador y del gloriosísimo triunfo de su misma Resurrección, y luego de su admirable Ascensión, cuando subió hasta el trono de su Padre y del Espíritu Paráclito también; tras la efusión de las lenguas de fuego sobre los apóstoles, los discípulos que El mismo había elegido, iluminados con los rayos de la sabiduría e inspirados por la gracia

⁵⁰ In: <<http://bibliotecas.unileon.es/tULECTura/tag/camino-de-santiago/>> Acesso em: 19/10/2017

⁵¹ São esparsas as citações em relação à Tiago, o Maior nas escrituras. Dentre as citações nos Atos dos Apóstolos que citam o parentesco de Tiago e João destacamos: “Naquele tempo o rei Herodes decidiu aprisionar alguns membros da Igreja, a fim de maltrata-los. Mandando degolar São Tiago, irmão de João. (ATOS DOS APÓSTOLOS, 12, 1-2).

celestial, dieron a conocer con su predicación el nombre de Cristo por todas las partes, a los pueblos y naciones. Y entre el insigne número de aquéllos, el santo de admirable virtud, el bienaventurado por su vida, el maravilloso por su virtud, el esclarecido por su ingenio, el brillante por su oratoria, fue Santiago, cuyo hermano Juan es conocido como evangelista y apóstol. Y a aquél, em verdad, le fué concedida, por obra divina, tanta gracia, que incluso el mismo Señor de la gloria inestimable no desdeñó transfigurarse con su incomparable claridad sobre el monte Tabor ante su vista, y en presencia también de Pedro y Juan, verídicos testigos. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO TERCERO, CAP. I, 1951, p. 386).

A tradição conta que São Tiago após a paixão e ressurreição de Cristo teria ido para a Península Ibérica e após a evangelização da parte mais ocidental desta, a narrativa situa que Tiago, voltou à Jerusalém, onde sofreu o martírio. Era costumeiro o sepultamento dos apóstolos nos locais em que evangelizaram. Seguindo tal pressuposto, os discípulos de Tiago tomaram posse de seus restos mortais, e os transportado de forma miraculosa de volta à *Hispania*.

Sus discípulos, apoderándose furtivamente del cuerpo del maestro, con gran trabajo y extraordinária rapidez lo llevan a la playa, encuentran una nave para ellos preparada, y, embarcándose em ella, se lanzan a la alta mar, y em siete días llegan al puerto de Iria, que está em Galicia, y a remo alcanzan la deseada tierra. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO TERCERO, CAPÍTULO I, 1951, p. 387).

O *Liber Sancti Jacobi*, salienta, que a descoberta das relíquias de São Tiago se deu, por obra de uma revelação divina. Segundo a tradição, no local, onde séculos antes haviam sido depositados os restos mortais de São Tiago e dois de seus discípulos, um eremita chamado Pelayo teria visto por seguidas noites luzes anormais no bosque próximo a sua residência. Entendendo que esse fenômeno poderia se tratar de um sinal divino, Pelayo teria se encaminhado ao bispado de Iria Flavia o mais próximo de sua vivenda e relatado ao próprio Bispo, Teodomiro o estranho fenômeno. Após vários dias em oração e jejum, Teodomiro teria se encaminhado ao bosque e encontrado sepulcro onde repousavam três corpos.

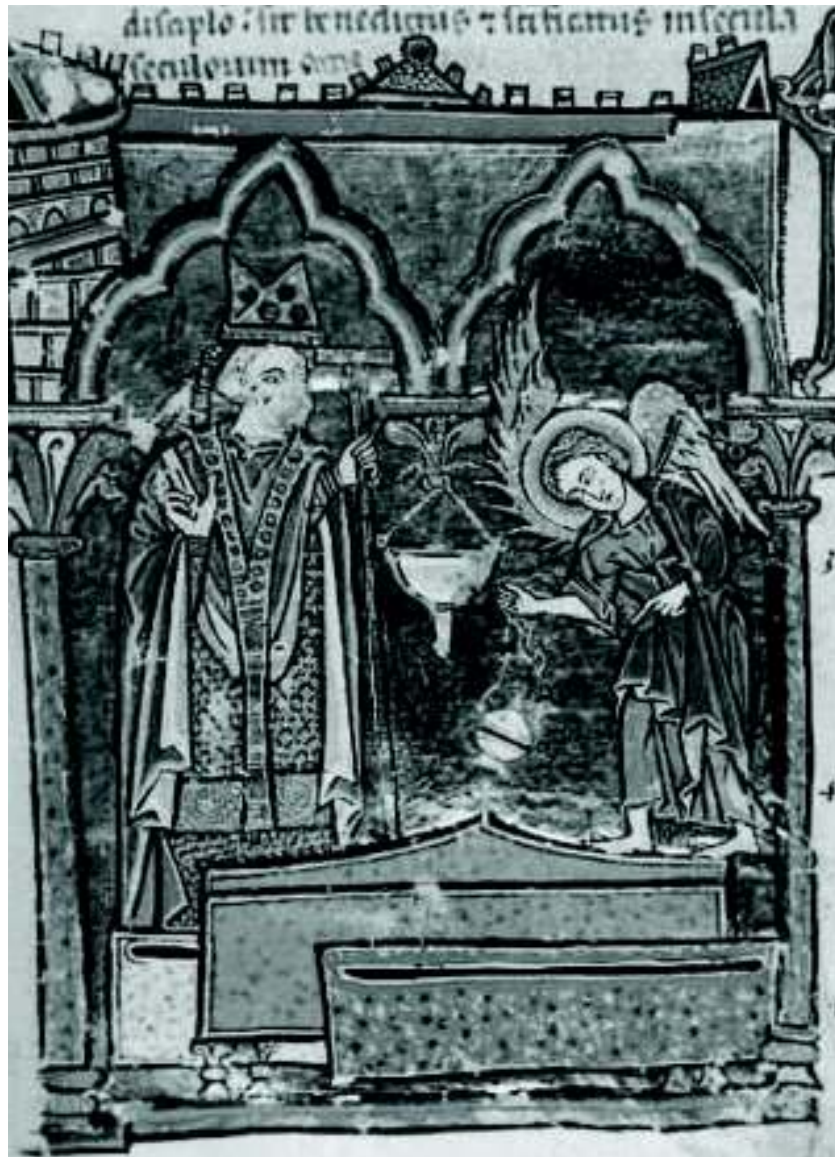


Figura 6. Teodomiro de Iria descubre el sepulcro apostólico⁵².

Assim como o *Liber Sancti Jacobi* vários documentos mantêm narrativas que intentam legitimar a presença do sepulcro jacobeu nos limites da Galiza, tais como o *Breviarum Apostolorum* (século VI). Outros importantes autores como Beda, o Venerável, Santo Isidoro de Sevilha e Santo Adelmo de Malmesbury também deram pistas sobre o sepulcro de São Tiago, e sua pregação na Península Ibérica. Composta possivelmente no ano 1100 pelo bispo Gelmírez, responsável pela construção da Catedral Românica de Compostela, *A Historia Compostelana* é uma crônica, permeada de aspectos antropológicos e políticos. Tais registros que

⁵² In: CASTRO DÍAZ, Beatriz; LÓPEZ-MAYÁN, Mercedes (coord.) *Historia de Santiago de Compostela*. Coruña: Via Láctea, 2011, p. 49.

compõem a História Compostelana contribuíam para agregar um valor histórico a Sé Apostólica e demonstram aspectos do período além da expansão e extensão do prestígio da Catedral Compostelana. O *Breviarium Apostolorum*, composto provavelmente no século VI é um dos documentos primordiais a relatar as pregações apostólicas e a dar a descrição da viagem de Tiago à Península Ibérica, além de divulgar a localização do sepulcro jacobeu um século antes da sua descoberta no século IX. Esses documentos e as narrativas descritas por diversos autores durante a Idade Média, reforçaram a crença da evangelização empreendida por São Tiago em *Hispania*.

A universalidade da mensagem da pregação jacobea suscitou uma resposta geral e inequívoca: encontrara-se a Tumba do apóstolo que evangelizou os confins ocidentais da Europa. Segundo o *Breviarium Apostolorum*, a Gália teria sido evangelizada por São Felipe e a Península Ibérica, por São Tiago. A tumba de São Felipe não foi encontrada em território franco, e não há conhecimento dela no Ocidente. São Tiago, por sua vez, teve seus restos encontrados na região onde segundo a tradição teria predicado. Com a *revelatio* do túmulo de Tiago em Compostela, os cristãos passaram a ter um novo local para chegar-se a fim de rogar pela sua alma e saúde, [...] A Europa encontrara o seu novo intercessor e queria render culto às suas relíquias, na procura de que se pacificassem os espíritos e na esperança de que os povos do Ocidente pudessem renascer como civilização cristã. (SINGUL, 1999, p. 53).

A tradição criada a partir da presença das relíquias de São Tiago, o Maior em Compostela, colaborava então para o fortalecimento da cristandade católica e da soberania ibérica perante a ameaça muçulmana. É possível visualizar nessas narrativas, São Tiago, paramentado conforme a necessidade do contexto. Nessas fontes acompanhamos as viagens simbólicas de São Tiago entre o Além e a Terra, seja para realizar seus milagres, ou mesmo para combater os infiéis ao lado dos cristãos. São Tiago se apresenta ora como evangelizador ora como guerreiro, fortalecendo as ações dos cristãos perante os muçulmanos e até mesmo como mote para a união entre cristãos em torno de um objetivo em comum. Na frase *Dios, ayuda, et Sanct Yague!* Ouvia-se um grito de guerra manifestado por um guerreiro cristão e repetido por seus comandados nos combates contra os muçulmanos.

(VIDOTTE; RUI, 2011, p 157). Como tal reforçava o apego e a confiança que os guerreiros tinham nas intervenções de São Tiago nos combates.



53

Figura 7. Peregrino vestido com o traje tradicional das viagens do Caminho de Santiago.

A devoção à São Tiago e a peregrinação ao seu sepulcro em Santiago de Compostela, consistia de diversos caminhos que movimentaram a Europa na Idade Média. Em expiação das culpas, em busca de graças ou até mesmo peregrinações de aluguel, nas quais um peregrino percorria o caminho em expiação dos pecados

⁵³ In: CASTRO DÍAZ, Beatriz; LÓPEZ-MAYÁN, Mercedes (coord.) Historia de Santiago de Compostela. Coruña: Via Láctea, 2011, p. 112.

de outrem, ou mesmo para rezar pela alma de um defunto. Os homens do século XII amaram apaixonadamente essas viagens – peregrinações -. Parecia lhes que a vida do peregrino era a própria vida do cristão. Pois o que é um cristão senão um eterno viajante que não se sente em casa em parte alguma, um viajante em marcha para uma nova Jerusalém. (BATISTA NETO, 1988, p. 179). Cabe, portanto, salientar, que não apenas os motivos devocionais impulsionavam essa sociedade a empreender o caminho. Havia peregrinos que se propunham a seguir o itinerário compostelano, intentando melhorar seus negócios em outras terras, fazendo negócios em outros burgos , ou mesmo de peregrinos que se deslocavam em viagem com o objetivo de pedir esmolas, e vendedores de vieiras, ou conchas, adorno comum entre os viajantes e presentes na iconografia jacobea.

A peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média seja em suas viagens físicas no que diz respeito ao trajeto dos diversos caminhos que ainda hoje são passíveis de visita e que desenvolveram culturalmente e economicamente seus respectivos lugares. A viagens dos peregrinos em direção à Compostela movimentaram a Europa medieval em diversas vertentes. Como podemos vislumbrar através do poema de Maria Consuelo Cunha Campos no poema “Botafumeiro” nome que remete ao incensório tido como o maior do mundo que se encontra na Catedral de Santiago.

[...] Do fondo da Idade Media rexurden
intensas corporacións de peregrins farrapentos:
van camiño de Santiago, face pálida, bordon na man
que o xexún, esmorecido, fai tortorear o camiño.
Dan os físicos os peregrins meiciñas;
Danlle os curas vestidos novos
arrecendendo, do fume balsâmico,
corpos suxos e fedorentos.
Na nave coagulada, ó coro das ladaíñas
balazan botafumeiros
péndulos de un tempo
en que xá non velan no vaivén da fumaza
cabaleiros em vexilias de armas.

.....

Van pola entrada do tempo
en resonancias
romarias de barons e bispos

.....

Levan grosas alfais e comestibles
escudeiros, toda criadagen
carrozas e cabalos.

Por todo o camiño de penitencia
van pobres e van ricos,
vai o pan de cada día,
a pousada de cada noite
e a abundancia de a cotío:
vai o exceso parello con a carencia
polo camiño de Santiago.

(CAMPOS, 1995: 142-143 apud MALEVAL, 2011: 737-738).

Tendo em vista que o Caminho de Santiago e a Basílica em Compostela ainda hoje são destinos de viagens e peregrinações, muitos desses peregrinos apresentam motivações distintas daquelas dos homens medievais, mas o culto em busca da expiação de culpa e na busca por uma graça ainda são os mais evidentes.

CAPÍTULO 3: O MITO DE SÃO TIAGO E O *LIBER SANCTI JACOBI*: A LEGITIMAÇÃO DA PEREGRINAÇÃO E DO CULTO A SÃO TIAGO EM COMPOSTELA

O “descobrimento” do sepulcro do apóstolo São Tiago, no *locus* ocidental, do mundo, nas primeiras décadas do século IX, despertou o interesse e a empatia entre os cristãos medievais, acima das fronteiras linguísticas e das fragmentações políticas, as peregrinações ao túmulo apostólico abriram aos europeus, a possibilidade de render culto a um novo intercessor. A existência e a fama do santuário, se difundiram na Europa e tanto reis, quanto a Igreja, se encarregaram de tal feito. Durante o século IX, vários documentos⁵⁴ deram a eco a notícia da presença das relíquias de Tiago, o Maior na Galiza. Tais escritos esmiuçavam a narrativa composta em torno da convicção que assegurava a evangelização do reino visigodo por parte de São Tiago, o Maior. Logo, estariam tais descrições, indagando a origem da pregação do apóstolo e o seu retorno milagroso após o martírio para a *Galiza*, por seu lado, dando contornos aos precedentes do mais novo intermediário da fé cristã.

3.1. O mito de São Tiago no *Liber Sancti Jacobi*

Os mitos são em uma definição simplista, arquétipos para as ações humanas. Atualmente os mitos são encarados como adversos à história. Embora, os mesmos enunciem histórias de origem e exemplos. Considerando o mito como uma “história exemplar”, podemos aludir a Eliade (1998, p. 350), todo mito, independentemente da sua natureza, enuncia um acontecimento que teve lugar *in illo tempore* e constitui, por isso, um precedente exemplar para todas as ações e “situações” que, depois, repetirão este acontecimento”. De certa forma, os peregrinos que seguiam em viagem à Compostela, seguindo o exemplo do próprio apóstolo que viajou pela

⁵⁴ Conforme citado anteriormente, já existiam documentos que conjecturavam a existência do túmulo apostólico na Península Ibérica. Por sua vez, após a descoberta, segundo Rucquoi (2011, p. 16), na segunda metade do século IX, uma carta atribuída a León, bispo de Jerusalém, dirigida aos reinos francos, vândalos, godos e romano, passou a circular pelos diferentes reinos cristãos da Europa ocidental, atestando as circunstâncias da translação milagrosa dos restos mortais de São Tiago da Terra Santa para *Galiza*.

Península e a ela retornou após a glória do martírio, fim de repousar e a rogar em favor daqueles cristãos.



Figura 8. Detalhe do Liber Sancti Jacobi⁵⁵.

Nas palavras de Croatto (2001, p. 209), o “mito é o relato de um acontecimento originário, no qual os deuses agem e cuja finalidade é dar sentido a uma realidade significativa”. Nesse sentido, o *Liber Sancti Jacobi*, sintetiza enquanto narrativa/texto, a origem a tradição compostelana. Não importa, se as relíquias presentes na Península Ibérica, são ou não pertencentes a um apóstolo de Cristo.

⁵⁵ Disponível em: <https://meanderingmac.files.wordpress.com/2013/11/calixtinus-1-x3pe9c.jpg> Acesso em: 08/12/2017.

Enquanto narrativa, o mito acerca da presença dos restos mortais de São Tiago, em Compostela é um símbolo, por implicar em uma “sequência narrativa, uma cadeia de episódios que se configuram em um acontecimento determinado”. (CROATTO, 2001, p. 210-211). Deve-se levar em consideração que os protagonistas dos mitos, possuem características divinas, ou seja, os deuses agem nos mitos. E no que tange ao cristianismo, no que se refere, aos milagres, tais circunstâncias são permitidas apenas por Deus.

Á vista disso, o *Liber Sancti Jacobi*, reúne um conjunto de histórias que possivelmente já circulavam há alguns séculos na Península Ibérica. Sendo assim, a crença da presença dos restos mortais em algum ponto da península, já faziam parte de uma cultura oral. A escrita do códice no século, serviria não apenas para legitimar ou promover o culto, mas também para reunir e dar sentido a uma realidade já existente na crença da existência dos restos mortais de um dos apóstolos de Jesus no mais ocidental dos reinos ibéricos, a *Galiza*. Deste modo a colocação de Maria do Amparo Tavares Maleval (2005, p. 19), ao pontuar que o *Liber Sancti Jacobi* é um importante documento-monumento, histórico, literário, litúrgico e musical, é concorrente, já que parte do mito e se torna em seguida, o monumento e por sua vez, uma das bases para a peregrinação. Embora, os cristãos ao empreenderem a viagem, tenham a intenção de tocar as relíquias do santo, as tradições seladas no códice, são guia e fundamento para partir rumo a Compostela. Se seguirmos a definição que Le Goff (1990, p. 548), faz do documento-monumento, ao afirmar que “o documento é monumento, que resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”. Podemos situar o *Liber Sancti Jacobi* como a narrativa que moldou a imagem das peregrinações a Compostela.

Destarte o mito e a tradição, presentes no *Liber Sancti Jacobi*, acrescentamos que outras narrativas, também exerceram o seu papel para a formação e a legitimação do mito e culto compostelano na Península Ibérica. Deduzimos tais considerações, devido à concepção de outro importante documento, escrito no mesmo século que o *Códice Calixtino*, a *História Compostelana*.

A Historia Compostelana trata-se de uma história de registros (registrum), nos quais os documentos oficiais eram compilados de forma a constituir-se em uma coleção de textos históricos ligados entre si por descrições

narrações de cenas, feitos e acontecimentos que lhe davam um rítmico e coerente fio narrativo. (SINGUL, 1999, p. 113).

A *Historia Compostelana* em síntese é uma crônica que se destina a falar dos feitos da Sé Apostólica de Compostela e os de seu primeiro arcebispo, D. Diego Gelmírez. Dessa maneira, o *Liber Sancti Jacobi*, funciona como um instrumento que visa o preenchimento das lacunas documentais que fundamentavam o culto jacobeu. Além dos aspectos políticos, as narrativas do *Códice Calixtino* exerceram uma influência considerável nas correntes culturais europeias do século XII. O *Liber Sancti Jacobi* reúne uma coletânea com mais de 20 composições musicais, que representam os primeiros exemplos polifônicos da música medieval. Nessas composições o culto popular e o oficial se encontram, pois, as músicas que eram cantadas no caminho e nas pousadas foram reunidas e influenciaram a compilação da obra. Por isso, consideramos que o *Liber Sancti Jacobi*, fomentou não apenas o culto jacobeu e a afirmação política dos reinos cristãos frente à presença muçulmana na Península Ibérica, bem como, suscitou um desenvolvimento na cultura cristã do Medievo. Sendo assim, o itinerário que comporta o Caminho de Santiago tem sido um centro de transmissão cultural, e é incentivador das origens da identidade, da língua e literaturas hispânicas, divulgadas através dos mosteiros, abadias, hospitais, catedrais e igrejas românicas e góticas, pertencentes aos povoados e cidades dos reinos da Reconquista. Além disso, colaborou com as canções de Gesta, com as poesias e as narrativas⁵⁶ do período.

3.2. Os milagres na cristandade medieval

Conforme adianta Gomes (2014), a hagiografia medieval é um texto que encerra em si a construção da salvação da alma do cristão, “traduzindo na planificação de uma conduta de vida guiada pelo exemplo moral e pela apropriação de virtudes, numa verdadeira arquitetura espiritual” (GOMES, 2014, p. 34). Dessa forma, os textos hagiográficos são norteadores para uma vida coberta pelo véu da ilusão, mas exemplar, no sentido da perfeição da Cristandade e na personificação

⁵⁶Gonzalo de Berceo e sua obra: “Vida de Santos”.

dos santos. Mas, sobretudo, esses documentos constituem-se em fontes de amplas investigações.

Para Almeida (2014), os cristãos do medievo, empenharam-se para que os textos hagiográficos incorporassem a memória comum e nesse interim as hagiografias podem ser incluídas na reflexão de uma memória histórica, isto, pois, agem como veiculadores de percepções históricas da realidade em que foram concebidas.

Na Idade Média, o texto hagiográfico vicejava como uma escrita privilegiada e mesmo necessária, pois encerrava não apenas a história de um santo e a memória da “aliança” que se entendia constitutiva da unidade cristã, mas muitas vezes a história de um mosteiro, de uma diocese, de uma família, de uma região, de um conflito, de um pacto de paz, etc. As modalidades de legendas de santos eram muitas. [...] A narrativa de seu exemplo constituía uma arma veemente em favor do arrependimento de grandes e pequenos. (ALMEIDA, 2014, p. 98).

Daí a amplitude de possibilidades a serem verificadas nessas narrativas, e no que se refere a esta pesquisa, os milagres narrados no *Liber Miraculorum* ou Livro II do *Liber Sancti Jacobi*, são instrumentos de fundamental importância para se entender a memória reunida em torno do mito apostólico jacobeu na *Galiza*. Entendemos que a partir da tradição dos milagres, possamos ampliar as razões que possibilitaram afirmação da presença das relíquias jacobéias em São Tiago, e a primazia da Sé apostólica em *Hispania*. Os milagres segundo Agostinho (2014), são em si obras que Deus se dignifica a dar em razão de suas promessas feitas aos mais piedosos, para aumentar ainda mais a fé destes. Ao fazer um breve histórico das ações milagrosas de Deus na tradição do Antigo Testamento, Santo Agostinho afirma que,

Tais milagres e tantos outros que seria demasiado longo lembrar não tiveram outro objetivo senão estabelecer o culto ao verdadeiro Deus e proibir o tributado às falsas divindades. Mas operavam-se pela simplicidade da fé, pela confiança da piedade, não por sortilégios, por encantamentos de arte sacrílega de criminosa curiosidade, chamada, ora magia, ora por nome mais detestável, *goecia*, ou por nome menos odioso *teurgia*. (CIDADE DE DEUS PARTE I, LIVRO X, CAP IX, 2014, p. 489).

Em uma época caracterizada como a Idade da Fé, acredita-se, nas forças sobrenaturais. Estas estiveram constantemente intervindas na vida humana, seja na entidade de Deus, ou caracterizada nos seres fantásticos como as fadas. É a partir dessa dicotomia entre um maravilhoso cristão e outro pagão que S. Agostinho

delimita com tanto vigor a *goecia* associada à magia e a *teurgia*, “uma arte conciliadora dos anjos e dos deuses”⁵⁷, mas em si uma prática pagã, atribuindo a real valor de Deus nas práticas milagrosas. Já advertia o Bispo de Hipona:

Mas, como se operam, assim, tantos prodígios que ultrapassam todo poder humano, que se deve razoavelmente concluir, senão que semelhantes predições ou operações maravilhosas, sinal distintivo de força superior, se não se relacionam com o culto ao verdadeiro Deus, cujo, amor, segundo a confissão e os numerosos testemunhos dos próprios platônicos, é o único bem e a única beatitude, não passam de ilusões dos espíritos malignos, armadilhas e seduções que a verdadeira piedade deve conjurar? Quanto aos milagres, sejam quais forem operados pelos anjos ou por qualquer outro modo se destinam a glorificar o culto da religião do verdadeiro Deus quem neles e por eles opera. Não demos atenção, por conseguinte, a homens que ao Deus invisível recusam a faculdade de operar milagres visíveis, pois, segundo eles mesmos, é o autor do mundo, cuja visibilidade não poderiam negar. (CIDADE DE DEUS, PARTE I, AGOSTINHO, LIVRO X, CAP. XIII, 2014, p. 497).

De acordo com Vauchez (2002), a transformação do olhar para com as narrativas religiosas enquanto fonte histórica veio com Marc Bloch em sua obra, os Reis Taumaturgos.

Marc Bloch, de fato, não perguntava se os milagres da Idade Média eram objetivamente verdadeiros, mas, partindo da fé no milagre como um dado concreto procurou explicar o lugar que ela havia ocupado nos espíritos e as implicações que poderia ter tido no campo religioso e político. (VAUCHEZ, 2002, p. 192).

Por outro lado, a atenção que estas narrativas passaram a receber não se deu de imediato, após, o lançamento da obra de um dos fundadores dos *Annales*, esta foi uma barreira que foi transposta aos poucos, e que necessita de todo um cuidado em seu manuseio como objeto de construção do conhecimento histórico. Um dos primeiros instrumentos de divulgação dos milagres é a Bíblia. Este livro alimentou sem dúvida a maior parte das criações intelectuais da Idade Média. O Antigo Testamento é saturado de exemplos que traduzem as intervenções de Deus em favor de seus fiéis, tais como, no livro de Êxodo, quando Deus atua nos prodígios de Moisés na dura travessia dos hebreus saídos do Egito, rumo a Terra Prometida.

O Novo Testamento tem um papel ainda mais significativo, Jesus é por excelência o modelo que todos os santos tentaram evocar. Estabelecido como o

⁵⁷S. Agostinho (LIVRO X, CAP. IX, p. 490).

mediador entre o homem mortal e a bem-aventurança divina, Jesus Cristo operou maravilhas, e não apenas o seu modo de vida ascético influenciou a espiritualidade, mas seus milagres foram fontes para as narrativas das vidas dos santos.

Jesus foi de fato o modelo que todos os santos tentaram imitar e suas curas milagrosas marcaram igualmente os hagiógrafos medievais, muitos dos quais atribuíram a seus heróis as mesmas curas que são descritas nos Evangelhos, assim, como as modalidades de sua realização, quer dizer, o toque dos doentes e a imposição das mãos. Estes autores não deixaram de salientar o fato dos milagres do Salvador apresentarem-se sempre como resposta a um ato de fé – esta fé que “move montanhas”, ao mesmo tempo em que é comparada a um grão de mostarda – materializada por uma palavra ou prece insistentemente endereçada a Deus. (VAUCHEZ, 2002, p. 199).

A imagética do milagre que prevaleceu na Idade Média foi estabelecida nos primórdios do cristianismo enquanto religião oficial do Império Romano. Santo Agostinho postulava que não havia distinção entre o milagre e a natureza, “para ele, todos os fatos da natureza são igualmente surpreendentes e assombrosos, mas o homem acostumou-se tanto com eles que não sabe mais vê-los desta forma”⁵⁸. Através dos milagres, Deus demonstrava a sua onipotência.

Essa concepção ganhou novos contornos com Gregório Magno no século VI para este a noção de lei natural desaparece, o milagre atua como sinal divino e institui-se como lição ou aviso. Os milagres servem para edificar o cristão, na doutrina crista e na Igreja. “Gregório pensa que em um mundo sem dúvida condenado a desaparecer em breve, é essencial que o homem esteja atento aos sinais anunciadores da catástrofe final”. (VAUCHEZ, 2002, p. 200). Sinais divinos naturais, os norteadores dos modelos de cristãos, os milagres foram se sedimentando como um dos pilares da vida religiosa no medievo. Embora, para a Igreja, a tarefa de situar o miraculoso cristão do folclore pagão.

[...] os clérigos procuraram, sobretudo substituir o miraculoso pagão pelo miraculoso cristão, situando-o no mesmo nível de realismo e eficácia. As relíquias que, mesmo reduzidas a minúsculos fragmentos, conservavam todas as prerrogativas dos corpos santos, foram os principais instrumentos desta pastoral elementar. (VAUCHEZ, 2002, p. 201).

Dessa forma, as relíquias tornavam-se os principais receptáculos irradiadores dos milagres, esta política, desviou as tradições pagãs que associavam as curas e os desejos atendidos a fontes ou outros elementos da natureza como mediadores dos milagres. Isto, pois, os fiéis partiam em busca dos milagres, não para a salvação

⁵⁸In: Vauchez (2002, p. 199)

de sua alma, mas em si, para o livramento de um mal físico. As doenças seriam fruto de forças do mal que se instalava na vida do cristão em razão de uma transgressão, assim, o milagre se instituíra em uma ação divina que expulsava este mal. Contudo, o milagre enquanto pilar da cristandade foi sendo institucionalizado, e suas atribuições cada vez mais restringidas. Em fins do século XI, os clérigos se dedicaram a buscar uma explicação racional para os aspectos extraordinários dos milagres, o extraordinário como os monstros e cataclismas foram dissociados, e os milagres passaram a ser caracterizados pela dimensão religiosa. Entretanto, mesmo as mudanças das concepções dos milagres no medievo, a fé popular apresentou poucas mudanças, assim, os milagres foram se diversificando em diversas formas, através de milagres sacramentais, espirituais e místicos.

3.3. Os milagres no *Liber Sancti Jacobi*

Os milagres mais conhecidos na tradição compostelana estão inseridos no *Liber Sancti Jacobi*, mais precisamente no Livro dois. É a síntese da memória social que recolhe a tradição oral em torno do mito compostelano. Geary (2002), atenta para a amplitude dos sentidos de memória no medievo que,

[...] englobava toda a comemoração ritual dos defuntos: procissões funerárias, aniversários dos mortos, celebração litúrgica dos mortos, fossem eles mortos comuns ou mortos “muito especiais”, quer dizer os santos. (GEARY, 2002, p. 167).

Mas como afirma Ricoeur (2007, p. 109), o vínculo original do passado ao que parece reside na memória. Nesta perspectiva, “a memória é passado, e esse passado é o das minhas impressões”. E é com a narrativa que as lembranças plurais podem ser encerradas em uma memória singular. É na memória que Deus é primeiramente buscado, para Agostinho⁵⁹ essa busca se dá na meditação da memória, mesmo que não se consiga distinguir Deus em nenhuma imagem, Ele estará inserido na consciência. Agostinho com a sua metáfora de palácio da memória, proporcionou aos cristãos medievais uma maior profundidade ao simbolismo da memória,

Eis-me nos campos da minha memória, nos seus antros e cavernas sem número, repletas, ao infinito, de toda espécie de coisas que lá estão gravadas, ou por imagens, como os corpos, ou por si mesmas, com as

⁵⁹ In: AGOSTINHO, Santo. Confissões. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ciências e as artes, ou então por não sei que noções e sinais, como os movimentos da alma, os quais, ainda quando não agitam, enraízam na memória, posto que esteja na memória tudo o que está na alma. (AGOSTINHO, CONFISSÕES, LIVRO X, CAP17, 2014, p. 256).

Para Le Goff (1990), a memória no medievo ocidental, era em suma escatológica, e negava a experiência temporal e a história, o cristão é continuamente chamado a viver na memória dos passos de Cristo. E esta memória não está no futuro. “Lucas que faz Abraão dizer ao um rico no Inferno: “Lembra-te que recebeste os teus bens durante a vida” [16,25]”. (LE GOFF, 1990, p.445). Nesse sentido, fundamentados na tradição agostiniana do olhar interior, na eterna busca por Deus na consciência, a memória cristã do medievo se manifestará essencialmente na comemoração de Jesus em conjunto com outros mortos ilustres - ou não em razão, do costume das orações pelos mortos -, como os santos e os mártires. Com o santo, a devoção cristalizava-se em torno do milagre. Os ex- votos, que prometiam ou dispensavam reconhecimento em vista de um milagre ou depois de sua realização, conhecidos do mundo antigo, estiveram em grande voga na Idade Média e conservavam a memória dos milagres. (LE GOFF, 1990, p. 449).

No que se refere à coletânea dos vinte e dois milagres do Livro II do *Liber Sancti Jacobi*, o narrador em seu prólogo salienta que os milagres foram recolhidos em diferentes partes da Europa. Não se pode afirmar, que a construção da narrativa se deu de fato através dessa tradição oral, mas que os mesmos fazem parte de uma memória de milagres encontrada em outras hagiografias, ou códices dedicados a tratar da temática jacobea. Segundo Silva (2008), o pesquisador Ramírez Pascual traduziu e publicou um códice com milagres atribuídos a São Tiago, sendo que entre os nove milagres presentes na narrativa, seis fazem parte da redação do códice compostelano. Mas o próprio Ramírez Pascual sugere que o Livro II do códice calixtino, foi composto com base em uma tradição oral, transmitida pelos peregrinos, devotos do santo. Nessa acepção, conforme nos indica o autor do códice:

Advirtiendo yo esto, al recorrer tierras extranjerias, conocí algunos de estos milagros en Galicia, otros em Francia, otros en Alemania, otros en Italia, otros en Hungría, otros en la Dacia, algunos también más allá de los tres mares, diversamente escritos, como es natural los diversos lugares; otros aprendí en tierras bárbaras, donde el santo Apóstol tuvo a bien obrarlos, al contármelos quienes los vieron u oyeron; algunos los he visto com mis propios ojos, y todos ellos diligentemente, para gloria del Señor y del Apóstol, los encomendé a la escritura. (LIBER SANCTI JACOBI, LIBRO II, PROLOGO, 1951, p. 335-336).

Eis aqui uma prerrogativa universal em relação aos milagres do códice calixtino, as personagens são originadas de diferentes locais da Europa, e dos reinos hispânicos. Outro fator relevante a ser destacado diz respeito à contemporaneidade da maioria dos milagres em relação à coletânea. Dos vinte e dois milagres, doze se passam no século XII, outros oito milagres se situam no século XI, um destes prodígios não tem uma data explícita e o segundo milagre precisamente, tem a sua escrita anacronicamente atribuída ao século IX. Dos vinte e dois milagres, dezoito teriam sido de escrita do Papa Calixto II, dois deles, o décimo sexto e o décimo sétimo tem a sua autoria atribuída a S. Anselmo (1033 – 1109), o quarto milagre tem seu registro conferido a um certo cônego Humberto da igreja de Santa Madalena Bensaçom. O segundo milagre, tem sua escrita incumbida anacronicamente a Beda, o Venerável que viveu no século VIII, e a narrativa do milagre se reporta ao tempo de Teodomiro de Iria Flávia, bispo do período da *revelatio* entre 830 – 840.

Nos milagres descritos no códice é possível notar a preocupação dos autores que fizeram a coletânea em situar os fenômenos nas peregrinações a caminho de Compostela. Como critério de escolha para os milagres aqui analisados, selecionamos aqueles em que Tiago, estaria presente entre os planos terrenos e do Além. Segundo Le Goff (2002, p. 22), a crença dos cristãos medievais no Além, confere a essa sociedade “características particulares”. O Aqui, plano terreno seria como uma arena de combate entre os cristãos e o diabo, que na visão do historiador francês, seria uma luta entre o homem e si mesmo. “Pois, herdeiro do Pecado Original, o homem está arriscado a se deixar tentar, a cometer o mal e se danar”. É a luta entre os vícios e as virtudes humanas, que teria proporcionado o surgimento do sentido de “Além”.

Le Goff (2002, p. 22), situa que o Antigo testamento e os Evangelhos de Mateus, João e Lucas, atestam a oposição entre os planos divino e terreno. Sendo que sua confirmação se dá a partir da confirmação da subsistência de um Paraíso, quando em Gênesis, no Antigo Testamento se admite a existência de um “Paraíso das delícias”.

Na Idade Média, o Além foi o cacife no jogo devocional e social. As práticas ligando vivos e mortos e as instituições de memória frequentemente tiveram o Além como cacife, e também como instrumento para as estratégias

terrestres, a busca de alianças e de poderes aqui em baixo. (LE GOFF, 2002, p. 24).

No que se refere aos milagres de S. Tiago, dos vinte e dois presentes na coletânea em questão, quatro destes milagres ocorrem com peregrinos que estão ou em direção ou retornando de Jerusalém (milagres: sétimo, oitavo, nono e décimo). Segundo Maleval (2005), a presença desses milagres no códice, confirma a tese de que nos séculos XI e XII, os destinos de peregrinação eram Santiago de Compostela e Jerusalém, sendo os números de romeiros em direção a Roma reduzido. Os demais são retratados nos diferentes itinerários compostelanos, em especial no denominado, caminho francês.

O primeiro milagre tem sua redação conferido ao papa Calixto II. Na introdução o autor se preocupa em situar Tiago, como o primeiro apóstolo a sofrer o martírio. O fenômeno narrado se refere ao episódio da soltura milagrosa de um grupo de vinte homens, a quem São Tiago, tendo atendido ao apelo dos fiéis em perigo, atravessa as fronteiras do além, para os guiarem na Terra, em direção às portas da fortaleza em que estavam retidos.

Quando en tempos del rey Alfonso⁶⁰ en tierras de España crecía en acritud el furor de los sarracenos cierto conde llamado Ermengol, viendo la religión cristiana oprimida por el empuje de los moabitas, se lanzó rodeado de la fuerza de su ejército a debelar la crueldad de aquéllos, casi con pruebas de una lucha victoriosa: pero exigiéndolo así nuestros merecimientos, fué vencida su tropa y dio en lo contrario del triunfo. Con la cual la fiereza enemiga, acrecida con la exaltación del orgullo a la cima de la soberbia, llevó como trofeo a la ciudad de Zaragoza bajo el yugo del cautiverio a veinte varones regenerados con el agua de la fe, uno de los cuales tenía la dignidade sacerdotal. Allí, sujetos con diversas ligaduras en las insoportables tinieblas de una cárcel, a manera de la perpetua oscuridad del infierno, por divina inspiración de Santiago y advertencia del presbítero empezaron a implorar así: Santiago, apóstol precioso de Dios, que con la obra de tu piedad ayudas piadosamente en sus angustias a los oprimidos, alargando tu mano a los gemidos de tan inaudito cautiverio, apresúrate a soltar propicio lo que inhumanamente nos sujeta. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. I, p. 338-339).

São Tiago segundo a narrativa surge aos cavaleiros fiéis, radiante na escuridão do cárcere, aludindo à sua santidade e inegável presença no Paraíso, mas o interessante se dá em sua aparição, não em sonhos, mas aqui na Terra, dentro da cela em que estavam enclausurados os cristãos perseguidos, que ao presenciarem tal, fenômeno – em si já um milagre –, se prostraram no chão em reverência a presença milagrosa do santo. Assim, Tiago ao vir em auxílio dos seus

⁶⁰ Segundo o códice, o monarca em questão seria Alfonso VI de Castela e Leão (1065-1100).

crentes e se comovido com as condições em que estes se encontravam, rompeu as fechaduras do calabouço, reforçado pela narrativa como um local perigoso. Após os teria ele mesmo, os conduzido para fora da cidade, após as portas dela em formato de cruz terem se aberto para apóstolo de forma espontânea – evidente ação divina em favor ao intercessor São Tiago –.

El apóstol Santiago, pasado largo tempo después de cantar el gallo y casi asomar los rayos de la aurora, llegó con ellos, yendo él delante, a cierto castillo que estaba guardia de cristianos, donde mandándoles también que le invocasen, subió visiblemente a los cielos. Y al invocarlo por su mandato con grandes voces, se abrieron las puertas y fueron recibidos dentro. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. I, 1951, p. 339).

Tiago, não apenas veio em auxílio dos cativos, mas também os guiou, protegendo-os em direção a saída do local opressor. No que se refere ao “Além”, que o santo estaria presente, ao ouvir as preces dos fiéis, Le Goff (2002), estabelece que seriam três terrenos neste espaço: o primeiro deles, o Paraíso, lugar em que se presume, o apóstolo esteja presente, é o local para o qual os cristãos pretendem passar a eternidade, ao alcançarem a salvação. No entanto, como assinala Le Goff (2002, p. 21):

[...] o cristianismo professa a ressurreição dos corpos, cujo modelo e garantia é a ressurreição de Jesus após a sua morte terrestre na cruz. O destino da humanidade ressuscitada não depende apenas da vontade de Deus todo-poderoso, pois este respeita regras que fixou, fazendo a situação dos homens e mulheres no Além depender de como se comportaram durante a sua vida terrena.

Sendo assim, Tiago, surgiria como “ressuscitado” no “aqui”, ao transitar entre os fiéis e abrir as portas da cidade para conceder liberdade aos prisioneiros que clamam por sua interseção. Outro milagre onde o santo fica em trânsito entre o Paraíso e a Terra é o quarto milagre⁶¹ do livro segundo do *Liber Sancti Jacobi*. Nesse prodígio narrado no códice um grupo de trinta homens teria saído em peregrinação no caminho de Compostela. Antes de saírem em viagem, vinte e nove dos nobres teriam feito um trato de fidelidade. No itinerário em direção ao sepulcro dos restos do santo apóstolo, um dos cavaleiros que teria feito o trato caiu doente, e apenas aquele que não fez o trato ficou para trás em favor do moribundo.

⁶¹ No milagre citado anteriormente podemos situar-nos historicamente, por citarem que o milagre se passa no reinado de Alfonso VI. Este milagre, no entanto, se passou no ano 1080, nas palavras do escritor da narrativa. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. IV, 1951, p. 344).

Así, pues, habiendo subido juntos a la cima, se cerró el día, el alma bienaventurada del enfermo salió, de este vano mundo y fue puesta por sus méritos en el descanso del paraíso, llevada por Santiago. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. IV, 1951, p. 345).

Diante disto o sobrevivente, muito assustado por causa da solidão do lugar, a escuridão da noite, a presença do morto e o horror da bárbara gente dos bascos ímpios que havia próxima aos portos, teve grande medo. Como nem em si mesmo e nem em homem algum achava auxílio, dirigindo-se ao Senhor em seu pensamento, pediu proteção a São Tiago com suplicante coração, e o Senhor, fonte de piedade, que não abandona aos que nele esperam, se dignou visitar o desamparado por meio de seu Apóstolo. Efetivamente, São Tiago como soldado a cavalo se apresentou em meio à sua angústia. E lhe disse: Que fazes aqui, irmão? Senhor, respondeu ele, “antes de tudo desejo enterrar este companheiro, mas não tenho meio de enterrá-lo neste deserto”. Então o Apóstolo lhe replicou: “Traz-me aqui esse defunto e monta no cavalo atrás de mim até que cheguemos ao lugar da sepultura”. E assim se fez. O Apóstolo tomou diligente ao morto em seus braços diante de si, e fez o vivo montar na garupa do cavalo. Maravilhoso poder de Deus, maravilhosa clemência de Cristo, maravilhoso auxílio de São Tiago! Percorrida naquela noite a distância de doze dias de caminho, antes de sair o sol, a menos de uma milha de sua catedral, no Monte do Gozo, o Apóstolo desceu do cavalo aos que havia trazido e mandou ao vivo que chamasse os cônegos da dita basílica para dar sepultura ao peregrino de São Tiago. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIVRO II, CAP. IV, 1951, p. 345).

Ao retornar de Santiago, o cavaleiro encontra os companheiros no caminho e lhes fala do desagrado de São Tiago, com a atitude dos mesmos. Tiago havia por meio do cavaleiro que auxiliara que os seus pares penitenciassem e sob a orientação do bispo de Leão, após a conclusão da penitência, partem em peregrinação ao santo sepulcro jacobeu. Neste prodígio, São Tiago, vem do Paraíso em auxílio aos que por ele intercedem, caracterizado como um cavaleiro. Aqui, também, se encerra o caráter de *exempla* aqueles fazem promessas. “Mejor es no hacer votos que después de hacerlos volverse atrás”. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. IV, 1951, p. 344).

Tiago continua com suas aparições entre o “aqui” e o “Além”, ainda nos milagres sexto, sétimo, oitavo, décimo quinto, vigésimo, vigésimo primeiro e vigésimo segundo. Nestes milagres, continua a atender os peregrinos no caminho à

Santiago de Compostela, reprimindo aqueles que atuam dificultando a peregrinação. No sexto milagre⁶², temos, por exemplo, a lição dada a um hoteleiro desonesto. Na narrativa, acompanhamos a dura ascense de um cavaleiro e sua família que partem rumo à Santiago de Compostela, fugindo da peste. No caminho a mulher do cavaleiro falece e o estalajadeiro na hospedaria em que estava ele e sua família, espolia seus bens, inclusive a égua que proporcionaria ao cavaleiro e seus dois filhos alcançarem o sepulcro compostelano. Partindo a pé com as crianças, o cavaleiro encontra com um senhor que lhe empresta um asno, para que o viúvo finalize a sua peregrinação à cidade apostólica de Compostela.

Desolado él por la muerte de ella y despojado en absoluto del dinero y de la yegua con que llevaba a los niños, tomándolos de la mano, continuó su marcha con mucho trabajo. Y yendo sumido en la mayor angustia y preocupación, se encontró en el camino con un hombre de honorable aspecto que llevaba un asno muy fuerte. Este hombre, al contarle aquél cuántas y cuán grandes adversidades le habían acontecido en su desgracia, le dijo compadecido: <<En vista de tus grandísimas angustias, te presto este asno mío, que es muy bueno para llevar a tus niños hasta la ciudad de Compostela, de la cual soy vecino, con tal que allí me lo devuelvas>> Recibido pues, el asno y puestos sobre él sus niños, el peregrino llegó hasta el sepulcro de Santiago. Finalmente, cuando en la venerable basílica velaba devotamente por la noche en un rincón apartado, se le apareció el gloriosísimo Apóstol con luminoso vestido. [...] Luego aquel peregrino, gozoso por la visión del Apóstol y por tanto consuelo, salió al amanecer de la ciudad de Compostela con el asno y sus niños, y al legar a Pamplona halló que su hotelero había muerto con el cuello roto al caerse del asiento en su casa como el Apóstol le había predicho. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. VI, 1951, p. 349-350).

Nessa perspectiva, a narrativa faz o papel de alertar os perigos da peregrinação quanto aos donos das hospedarias que agiam de má fé para com eles. Assim, pois, neste milagre se demonstra claramente que todos os hoteleiros perversos se condenam à morte eterna por apropriarem-se desonestamente dos bens de hospedes vivos ou defuntos. “Deve-se, pois, oferecer esmolos às igrejas e aos pobres de Cristo em sufrágio dos mortos”. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIVRO II, CAP. VI, p. 350).

O sétimo milagre⁶³, é o primeiro a relacionar a peregrinação de Santiago de Compostela e a Terra Santa⁶⁴. Escrito pelo papa Calixto II. Neste prodígio um

⁶² Segundo o *Liber Sancti Jacobi* (LIBRO II, CAP. VI, 1951, p. 349), esse milagre teria se passado no ano 1100 da era cristã.

⁶³ Segundo o *Liber Sancti Jacobi* (LIBRO II CAP. VI, 1951, p. 351), este milagre se passou no ano 1101, após a encarnação de Jesus Cristo.

marinheiro de nome Frisono, estava envolvido em um confronto entre cristãos e sarracenos que estavam sendo liderados por um certo Avito Maimón cai ao mar com sua armadura e escudo, e invoca o auxílio de São Tiago. O Apóstolo vem mais uma vez do “Além” em auxílio dos que nele esperam, mais uma vez paramentado como um cavaleiro. Ao salvar Frisono e os outros cristãos que seguiam na peregrinação à Jerusalém, a atuação do cavaleiro que atua ao lado dos cristãos contra os muçulmanos se faz presente. O santo apóstolo, alerta a Avito que se o mesmo não deixar a nave dos cristãos, entregará ao sarraceno e seus irmãos para o poder do mar. Avito questiona o santo se ele é o deus do mar, ao que o Apóstolo responde prontamente que não o é, mas que é um servo do Deus do mar. Entendemos que aqui, embora não se faça presente à denominação cavaleiro matamouros, Tiago esteja atuando como se assim o fosse⁶⁵.

O oitavo milagre segundo o códice se passou no ano 1102, e é diretamente influenciado por um milagre de Cristo, já que Tiago anda sob as águas e outra vez, intervém em favor dos peregrinos que se encaminham a Jerusalém.

[...] certo prelado que regresaba de Jerusalén, sentado en la nave junto a la borda, cantaba con el salterio abierto, vino una fuerte ola del mar y le arrastró con algunos otros pasajeros. Y cuando ya estaban casi a sesenta codos de la nave, flotando sobre la ola y a viva voz invocaron a Santiago, y se les presentó en seguida el santo Apóstol. Y en pie, con las plantas secas sobre las aguas del mar, junto a ellos que en el peligro clamaban, le dijo: << No temáis, hijitos míos. >> Y al momento ordenó al mar que devolviese a la nave a quienes había arrebatado de ella injustamente, y a los marineros, llamando desde lejos, que detuviesen la nave. Y así ocurrió. Detuvieron la nave los marineros, y el agua del mar, gracias a los auxilios de Santiago, devolvió a aquélla a todos los que había asaltado malamente, nada mojados y abierto aún el códice donde el sacerdote leía, y el Apóstol desapareció al instante. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. VIII, 1951, p. 353).

Nesse prodígio, Tiago, intervém em auxílio do peregrino que o chama apresentando-se provavelmente nas vestes de sua profissão original, como um pescador, o autor do texto, não se atenta a descrevê-lo como um cavaleiro, ou como um peregrino. Aqui, o santo deixa o Paraíso para a Terra, para salvar os peregrinos de Jerusalém e de certa forma, promover a visita ao seu sepulcro em Compostela,

⁶⁴ Segundo notas de Moralejo (1951, p. 351), este milagre, o oitavo, o nono e o décimo, fazem uma associação entre a peregrinação a Compostela e os outros dois lugares prediletos em para visita dos cristãos, a saber Jerusalém e Roma.

⁶⁵ A imagem de São Tiago como cavaleiro mata-mouros, foi amplamente promovida pela aristocracia da região ocidental da Península. O conceito de São Tiago cavaleiro teve origem, já na Idade Média, no período da Reconquista, no período da tomada de Coimbra (1064) pela mão das forças do rei Fernando I de Leão. (SINGUL, 1999, p. 74).

tendo em vista, que o prelado, salvo pelo apóstolo retorna as terras da *Galiza* e passa a entonar uma um cântico em auxílio dos peregrinos e em louvor a Santiago.

<< ¡ Oh tú, de siempre auxiliador, de los apóstoles honor, de los gallegos esplendor, de peregrinos defensor, Santiago, de los vicios suplantador, de las cadenas de las culpas suéltanos y al puerto de la salvación condúcenos.>> Y dijo así en un versículo: <<Tú que ayudas a los que a ti claman en peligro, tanto en el mar como en la tierra, socórrenos ahora y en peligro de muerte.>> Y repitió de nuevo: <<Al puerto de la salvación condúcenos.>> (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. VIII, 1951, p. 353-354).

O próximo milagre em o santo teria transitado entre o Paraíso e o plano terreno é o décimo quinto. No ano 1110, duas facções de cidades inimigas italianas teriam entrado em conflito. O grupo vencedor teria saído no encalço do outro grupo. Mas entre o grupo dos que saíram vencidos, estaria um cavaleiro que seguia em peregrinação à Compostela. Segundo, o narrador, o cavaleiro estaria já sem forças e a fim de salvar a própria vida ao ver diversos dos seus companheiros feridos e ou sem vida, invoca o auxílio de São Tiago,

<<Santiago, si te dignas libarme del peligro que me amenaza, sin tardanza iré pressuroso a tu santuario, y com mi caballo, pues nada tengo que más estime, me presentaré a ti>>. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. XV, 1951, p. 362).

Nesse fenômeno podemos perceber a atuação do apóstolo em terras distantes da que teria predicado, a fim de atender às súplicas daqueles que após ter suplicado a ajuda do apóstolo, em terras distantes das que teria predicado, atendendo ao chamado de um cristão em perigo. Podemos supor, que o santo veio mais uma vez do Paraíso, paramentado como um cavaleiro, tendo em vista, que protege o cavaleiro italiano com um escudo. O cavalo do cavaleiro em perigo alcança uma distância considerável durante a fuga contra seus inimigos, e o autor do códice, se adianta, afirmando, que isto só foi possível em razão da intervenção do santo. O cavaleiro reconhece que a velocidade surreal conseguida por sua montaria, se deu em razão da glória do apóstolo e em devoção à Santiago e agradecendo a graça recebida, leva o cavalo à presença das relíquias de Tiago, em Compostela – ainda que não fosse permitida a entrada de animais na basílica -. Nesse exemplo, São Tiago, teria feito a viagem entre “Aqui” e o “Além, paramentado como um cavaleiro, no entanto, não estaria no encalço dos sarracenos. Aqui esteve ao lado, do crente para livrá-lo do perigo que se encontrava, em razão da fé nele depositada. Nesse sentido, este milagre serve como promoção da tradição

compostelana, em auxílio, não apenas dos galegos e dos ibéricos em geral, mas também, como um dos protetores dos cristãos do ocidente medieval.

Por efeito, Tiago como viemos demonstrando ao longo desta pesquisa, é apresentado de diferentes formas, não só na fonte considerada, mas desde a *revelatio* no século IX, a imagem de São Tiago, foi sendo ampliada em diferentes papéis. Inicialmente apresentado como um pescador, em uma clara alusão à metáfora do pescador de almas, o santo foi posteriormente caracterizado como os peregrinos que rumam à Compostela.



Figura 9. São Tiago paramentado como os peregrinos do Caminho de Compostela. ⁶⁶.

A caracterização de Tiago enquanto cavaleiro de Cristo teria despontado pela primeira vez, na *Crônica Silense* do século XII. No decorrer dos séculos XII e XIII, outras referências surgem sobre São Tiago, tendo o santo caracterizado em sua versão cavaleiresca. Dentre estas estão, o *Chronicon Mundi* de Lucas de Tuy e a *História Gótica* de Rodrigo Ximenes de Rada. Segundo Rui (2012), estas narrativas são algumas das referências para a elaboração da *Primera Crónica General de España*, “a crônica elaborada sob a orientação de Alfonso X já tem definida e

⁶⁶ In: http://www.caminhodesantiago.com.br/walter_jorge/historia_santiago/phst_4.html Acesso em: 01/03/2018.

concretizada a caracterização de São Tiago como guerreiro. Nela não se faz referência a São Tiago como peregrino, conforme descrito no *Liber Sancti Jacobi*". (RUI, 2012, 114). Na *Primera Crónica General de España*, Tiago se identifica como cavaleiro a serviço de Cristo.

Estiano, tu tines por escárnio porque los romeros me llamam caullero, et dize que lo non so, et por eso uin agora a ti a mostrarteme por que nunca iamas dubdes que yo non so cauallero de Cristo et ayudador de los cristianos contra los morros. (PRIMERA CRÓNICA, 1995, p. 487 apud RUI, 2012, p. 114).

Esta passagem descreve a aparição em sonho que São Tiago, faz a um Bispo que repreende aqueles que o veneram como cavaleiro de Cristo, quando os apóstolos eram os pescadores de almas. Dentre os milagres descritos no *Liber Sancti Jacobi*, há um milagre com semelhante enredo, o que denota que dentre as narrativas referenciais para a *Primera Crónica General de España*, se encontra o *Códex Calixtinus*.

Admitimos que este milagre seja o décimo nono⁶⁷. Segundo a narrativa deste prodígio, um bispo grego de nome Estevão, deixou sua morada e seguiu em peregrinação para Compostela, não desejando mais voltar. Ao chegar na basílica compostelana os clérigos consentem que o bispo se junte a eles na sé apostólica, para levar em frente ao altar uma vida celibatária. Entretanto, certo dia, quando os aldeões que participavam de uma festa em louvor a São Tiago, exaltados adentraram a basílica e declamaram: "<< Santiago, buen caballero, líbranos de los males presentes y futuros>>". (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. XIX, 1951, p. 374). O clérigo teria então repreendido os crentes, afirmando que o apóstolo deveria ser chamado de pescador e não cavaleiro. E os lembrou da tradição recorrente que Jesus teria deixado o ofício de pescador aos seus discípulos, tendo em vista que estes seriam pescadores de almas.

Contudo, o dito bispo durante a noite teria tido um sonho em que era advertido por São Tiago. Nessa aparição, Tiago não se apresenta no plano físico, mas faz pronunciá-lo inclusive em ação dos cristãos a ele crentes como intercessor, de que demonstraria, sua força enquanto, santo intercessor da *Hispania*, aquele

⁶⁷ Este milagre segundo notas de Moralejo (1951, p. 375), teria ocorrido na década de 1060, próximo ou nos dias da Batalha pela reconquista de Coimbra por parte de Fernando I de Castela e Leão. Este milagre também está descrito na *Historia Silense*, escrita após a morte de Alfonso VI (1109) e antes de 1115. Contudo, nessa crônica o penitente seria grego, mas oriundo de Jerusalém, bem como não seria bispo, mas uma pessoa <<pobre de espíritu y de recursos>> e anônimo.

encarregado de auxiliar a livrar este território da presença muçulmana. A fim de expressar a sua atuação também como o cavaleiro que viria em favor da fé cristã na Península Ibérica.



Figura 10. São Tiago cavaleiro. Detalhe do Liber Sancti Jacobi⁶⁸.

No sonho em questão, o santo apareceu ao bispo, apareceu vestido de alvíssimas roupas e portando armas que sobrepujavam em brilho aos raios do sol, como um perfeito cavaleiro e, além do mais, com duas chaves nas mãos. E havendo-lhe chamado três vezes, lhe falou assim:

<< Estebán, siervo de Dios, que mandaste que no me llanasen caballero, sino pescador: por eso te me aparezco em esta forma, para que no dudes más de que milito al servicio de Dios y soy su campeón en la lucha contra los sarracenos precedo a los cristianos y salgo vencedor por ellos. He

⁶⁸ In: <https://pepefernandezfernandez.files.wordpress.com/2012/07/codex-calixtinus.jpg> Acesso em: 14/01/2018.

conseguido del Señor ser protecto y auxiliador de todos los peligro. Y para que creas esto más firmemente con estas llaves que tengo en la mano abriré mañana a las nueve las puertas de la ciudad de Coimbra que lleva siete años asediada por Fernando, rey de los cristianos, e introduciendo a estós en ella se la devolveré a su poder. Dicho esto se desvaneció a sus ojos.>>. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. XIX, 1951, p. 375).

Ao acordar na manhã seguinte, o bispo contou sua experiência aos demais clérigos. Segundo o autor do códice, após surgiram muitas provas da promessa cumprida pelo santo, pois teriam anotado o dia e a hora em que o apóstolo teria enunciado ao prelado que aconteceria a retomada cristã de Coimbra. Reconhecendo a vitória de todos que em batalha invocassem a São Tiago, a vitória, de que este também apareceria como cavaleiro, o bispo teria aumentado também, sua penitência e as orações na basílica apostólica. De fundamental relevância ao se tratar sobre os milagres, situam-se as maravilhas ou *mirabilia*. O miraculoso cristão foi ao longo da Idade Média passando por transformações, fruto do objetivo de se distanciar do miraculoso pagão. Era vasta a dimensão de atributos que poderiam ser considerados maravilhosos. Dessa forma, algo que um crente concebia como um milagre por ordem de forças transcendentais, também poderia ser confundido por obra de Satã, afinal, ele “era capaz de produzir mágica estritamente a partir de seu domínio (como por vínculos terrenos com feiticeiros e todos os humanos a seu serviço, além dos membros de sua numerosa tropa de demônios)”. (LE GOFF, 2002, p. 105).

A preocupação em destruir e resistir ao maravilhoso, pelo cristianismo, passa por mudanças e nos séculos XII e XIII, há uma emergência do maravilhoso na cultura dos doutos. Segundo Le Goff (2010, p. 18), o que pode explicar tal transição é o “facto de que a Igreja já não tem razão, como de facto tinha na alta Idade Média, para levantar barreiras contra o maravilhoso. Ele é agora perigoso, a ponto de Igreja poder já domesticá-lo, recuperá-lo”. O cristianismo passa a utilizar o maravilhoso, tornando-o obediente a Deus e aos santos.

O maravilhoso atinge os homens por vias variadas, oral, escrita ou figurada, conforme vias elas próprias maravilhosas. Uma das mais usuais e significativas é a do sonho, visão da aparição. [...] Enfim, a literatura hagiográfica, tão abundante e tão divulgada, enriquece as vidas de santos – que não são sempre os intermediários de Deus na realização dos milagres – com episódios maravilhosos pelos quais se manifesta o poder que lhes fora concedido por Deus. (LE GOFF, 2002, p. 114 – 115).

Dessa forma, Tiago se apresenta de forma maravilhosa, em suas diversas aparições, seja fisicamente ou em sonhos, realiza curas através do toque das

conchas, ou vieras, símbolos dos peregrinos de Santiago de Compostela - curas recorrentes nos milagres nono e décimo segundo -, intervém na ressurreição dos mortos, como fez Jesus com Lázaro e enfrentou demônios para salvar da perdição aqueles que o invocam. Como se pode notar, os milagres de São Tiago não apresentavam grandes diferenças de outras hagiografias medievais. E se o maravilhoso doméstico surge através dos atos miraculosos de São Tiago, uma das outras faces das *mirabilia* também surgem na narrativa, o Diabo. “A encarnação do mal, oponente das forças celestes, tentador do justo é onipresente e o seu terrível poder se faz sentir em todos os aspectos da vida”. (BASCHET, 2002, p. 319). No segundo livro do *Liber Sancti Jacobi*, o Diabo tem importante participação no décimo sétimo milagre. O autor do códice fala de um peregrino que amava fervorosamente São Tiago. O fiel segundo a narrativa seria solteiro, e vivia apenas com a mãe, levando uma vida casta. Contudo, certo dia, o crente teria sido vencido pelos prazeres da carne e se deitado com uma jovem, na véspera de sua viagem para o sepulcro apostólico em Compostela. No dia seguinte o jovem se preparou para seguir viagem e junto a um amigo de longa data pôs-se a caminho da cidade do apóstolo S. Tiago. A narrativa conta que os jovens caminhavam em paz e sem percalços, mas o diabo, invejando a pacífica e boa companhia, teria se aproximado disfarçando-se de uma figura humana, de aparência honesta, ao jovem que havia fornicado em sua terra e lhe disse: “Sabes quem sou? ” “Não”, respondeu este. E acrescentou o demônio:

<<Soy el apostol Santiago a quien desde hace largo tiempo sueles visitar y honrar todos los años desde hace largo tiempo sueles visitar y honrar todos los años con tus ofrendas. Has de saber que estaba muy contento contigo, porque esperaba ciertamente muy bien de ti. Mas hace poco, antes de salir de tu casa fornicaste con mujer y desde entonces no te has arrepentido de ello ni has querido confesarlo. Y así te pusiste en camino con tu pecado como si tu peregrinación fuese grata a Dios y a mí. No es eso lo que debe ser. Pues todo el que mi amor quiere peregrinar debe manifestar antes sus pecados en una humilde confesión y hacer luego penitencia de ellos peregrinando humilde Y de quien obre de otro modo la peregrinación será mal vista>>. (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. XVII, 1951, p. 368).

O desenvolvimento da narrativa segue dramático, o jovem consumido pela culpa do pecado, segue uma grave orientação do diabo disfarçado de São Tiago: “Se deseja limpar-te de tua culpa, corta-te em seguida as partes viris com as quais pecaste”. O jovem tem consciência que praticando tal conselho não sobreviverá e então será um suicida, mas o demônio insiste: “<<Oh tonto, qué poco sabes de lo

que puede aprovechar a tu salvación. Si de tal forma murieses, sin duda pasarás a mí, poruqe castigando tu culpa será mártir.>>” (*LIBER SANCTI JACOBI*, LIBRO II, CAP. XVII, 1951, p. 368). Assim, à noite longe da vista do companheiro de viagem, o jovem deu cabo de sua promessa, sacou uma faca e amputou suas partes viris. O sangue teria brotando em grande quantidade e os ruídos provocados pelo jovem, despertou os que estavam próximos, que o encontraram agonizando. Na manhã seguinte, o rapaz estava morto. Assim, prepararam-no para o enterro. Segundo a narrativa do códice, depositaram o rapaz no sepulcro, mas o morto voltou a vida, deixando a todos os presentes aterrados e gritando.

O rapaz teria “ressuscitado” por obra de São Tiago. Desta vez, quem faz a viagem simbólica entre o “Além” e a Terra, é o peregrino, que retorna para dar testemunho da interseção de São Tiago e de Nossa Senhora. Observamos por exemplo á relação entre os medievais e o pecado, a fim de mensurar a importância desse prodígio alcançado pelo santo. O pecado está presente nas relações das quais o homem medieval faz e representa. Deus o reprime, o proíbe e o perdoa de todos os pecados. No entanto, o Diabo, surge para tentar seduzi-lo e induzi-lo ao pecado.

A vida social parece-lhes dirigida em todos os níveis e em todos os seus mecanismos, por esse laço de solidariedade criminosa na qual está baseada: as relações entre homem e mulher são dominadas pela luxúria, o exercício do poder gera ambição e vaidade, a atividade econômica transforma-se em avareza, a corrente de subordinações alimenta a inveja. (CASAGRANDE; VECCHIO, 2002, p. 358).

Nessa perspectiva, o pecado estabelece relações entre a alma e o corpo, constituindo o ser medieval. Para esta sociedade a alma e o corpo vivem juntos em um permanente estado de tensão, fonte de impulsos, que quando não controlados levam ao pecado. No caso deste jovem descrito no milagre compostelano, entre as diversas modalidades de pecados, ele cometera pecados mortais e veniais. A definição dos pecados assim, se entende da seguinte forma: os pecados mortais seriam aqueles que levam à danação eterna, a segunda categoria, seriam aqueles que não condenariam à morte, mas a uma penitência. Não são claras as divisões entre quais seriam os pecados mortais me os veniais. Pois, o há a dificuldade em definir os pecados veniais, em razão dos problemas em torno de definir, a gravidade dessas transgressões. Encaramos que o pecado da fornicção embora situado entre os pecados capitais – luxúria -, estaria no fim de uma hierarquização aperfeiçoada

no século V e adaptada por Gregório Magno. Contudo, o ato de suicídio caracterizado em razão do rapaz ter cortado suas partes fálicas, seria um pecado que o condenaria à desgraça eterna. Nesta ocasião, o códice atua também, a favor de um controle contra pecados, sobretudo ao se utilizar da figura do Diabo. Como afirma Stanford (2003, p. 17), “o diabo servia como instrumento de controle, ou mesmo como um artifício para manter os fiéis nos trilhos e teve sua atuação exacerbada e institucionalizada pela Igreja, para espalhar o terror”. No caso do peregrino da narrativa, a presença do diabo, disfarçado de São Tiago, é fruto do que Baschet (2002) coloca como o diabo e os tormentos da consciência individual:

[...] a crença no Diabo é pressão de uma consciência individual necessariamente culpável, atormentada e dividida. A consciência cristã encontra em si um mal que é preciso repelir, que ela pode em parte atribuir às tentações do Diabo e combater como a um inimigo exterior. O Diabo atormenta a consciência, mas ao mesmo tempo a ajuda a se constituir no interior de um universo dual no qual se opõem o bem e o mal, Deus e Satã, o anjo da guarda e o diabo pessoal. (BASCHET, 2002, p. 328).

Sendo assim, em uma hagiografia que visa transpor a lição de uma vida exemplar, nada mais aceitável que a presença do diabo, para transpor a dualidade entre o bem e o mal e transpor a exemplaridade da consciência do cristão quando o mesmo está em consonância com o que a Igreja propõe. Os servos do diabo saíram em disputa pela consciência de um peregrino contra São Tiago no milagre XVI, mas é possível, notar um dos outros papéis que o diabo alcança no medievo, que é a personificação do inimigo da Igreja.

Embora, não seja explicitamente colocada em nenhuma das narrativas de milagres do *Liber Sancti Jacobi* a personificação dos muçulmanos enquanto vilões associados ao Satã é possível notar a utilização de Tiago enquanto cavaleiro, que luta pelos cristãos contra os muçulmanos. Segundo Stanford (2003, p. 139), é no contexto das cruzadas, que “os muçulmanos passaram a ser direta e literalmente relacionados com o Príncipe das Trevas, do mesmo modo que Maomé passou a ser visto como o Diabo em pessoa e seus seguidores como servos de Satã”. No que se refere à situação da Península Ibérica esse cenário torna-se ainda mais circunstancial a caracterização dos muçulmanos enquanto servos do diabo. Nota-se então a progressiva mudança da figuração de São Tiago, nas narrativas, como o *Liber Sancti Jacobi*. Isto, pois, “Satã sempre esteve envolvido na questão do poder”. E “sua figura terrível e poderosa, unificando contra si todo o panteão cristão,

duplicando negativamente as instituições, participa da afirmação de uma violência necessária”. (BASCHET, 2002, p. 328 – 329). Em relação à atuação do apóstolo ao interceder pelo jovem peregrino, ao retornar dos mortos, este testemunha o intenso embate entre o demônio, a Virgem e São Tiago por sua alma.

<<Después que me quite la vida y mi alma fue expulsada del cuerpo, vino a mí el mismo maligno espíritu que me había engañado trayendo consigo un gran tropel de demonios. Y al instante me arrebataron sin compasión y llorando y dando lastimeras voces me llevaron a los tormentos. En su marcha, dirigieron hacia Roma. Pero cuando llegamos a un bosque situado ente la ciudad y el pueblo que se llama Labicano, Santiago, que venía siguiéndonos llegó volando y apresando a los demonios dijo: ¿De dónde venís y adónde vais? Y contestaron ellos: Eh, Santiago, a la verdad aquí nada te toca. Pues nos ha creído tanto que se mató a sí mismo. Nosotros le persuadimos, nosotros le engañamos, a nosotros nos pertenece. Mas él replicó: Nada respondéis de lo que os pregunto, sino que os jactáis y alegráis de haber engañado a un cristiano. Pero tendréis mala recompensa, porque es un peregrino mío ese de cuya posesión os jactáis. A lo menos no le llevareis impunemente. Y me parecía Santiago y de apecto joven y gracioso, delgado y de color quebrado, vulgarmente dicho moreno. Así, pues, obligados por él, llegamos a Roma, donde junto a la iglesia de San Pedro Apóstol, había un lugar verde y espacioso en la llanura de aire, al que muchedumbre innumerable de santos había venido a una asamblea>>. (LIBER SANCTI JACOBI, LIBRO II, CAP. XVII, 1951, p. 369-370).

A assembleia descrita pelo rapaz, é presidida por N. Senhora, estando ao seu lado inúmeras personagens cristãs relevantes. São Tiago atuou ali como um advogado, apresentando a distinta mesa, que o Diabo, teria enganado o jovem. Os demônios, esbravejam, em razão de tamanha reclamação em torno de um só peregrino. Mas, o autor do jovem, confirma a clemência de Virgem ao voltar sua atenção para o apóstolo e ao atender a sua prerrogativa, intercedendo pela alma do jovem, que prontamente ressuscita. O pecado venial da fornicção cometido pelo jovem não passa impune, servindo de exemplo, pois, ao retornar a vida, o rapaz não teve suas partes viris devolvidas. No lugar o mesmo passou a ter uma cicatriz, com uma verruga por onde urinava. Após a sua milagrosa ressurreição o peregrino finalizou sua viagem e divulgou em Santiago de Compostela o que lhe havia ocorrido.

No que tange aos milagres, é notável a proximidade da ocorrência destes com a redação do *Liber Sancti Jacobi*. Entendemos que isso não se dá forma aleatória, já como salientado anteriormente serviriam de promoção ao caminho, em razão de que a maioria destes se realizou durante a viagem, e em associação aos peregrinos recorrentes. Em conjunto à perspectiva do Guia do Peregrino que alerta

aos viajantes dos locais e dos perigos a serem evitados, os milagres demonstram que os peregrinos ao realizarem a viagem, ainda que mesmo expostos aos riscos poderiam se dirigir ao sepulcro do apóstolo para tocar as suas relíquias, mas, além disso poderiam estar à mercê de estar na presença do próprio santo no caminho e alcançar suas graças durante a realização do percurso. Nesse sentido, não apenas o túmulo apostólico seria santo, mas o caminho utilizado pelos peregrinos para ali chegarem também o seria, em razão da monumentalização o caminho, enquanto um local onde os viajantes, também, teriam experiências de aproximação com o mito e a religiosidade do caminho, devido as ações de São Tiago através deste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Codex Calixtinus* representa uma fonte inesgotável de informações a respeito de todos os aspectos da cultura compostelana. Com efeito, contém os elementos que definem as relações entre o culto e a cultura das peregrinações na Idade Média. Interpretar esse documento significa compreender o sentido e o significado das viagens à Compostela, e entrever os projetos culturais, ideológicos e estratégicos que permeiam a sua construção e legitimação. Dessa forma, ao longo desta pesquisa, intencionamos interpretar através da leitura do códice, os pormenores que possibilitaram a criação da tradição e do caminho. Dentre as nossas principais hipóteses, se situava a questão de identificar a relação entre a escrita do *Liber Sancti Jacobi*, e o estabelecimento das rotas em direção ao sepulcro apostólico.

A *revelatio* feita ao bispo Teodomiro de Iria Flavia em uma data indeterminada do século IX, já vinha desde antes da própria “descoberta” da tumba de Tiago na Galiza sendo noticiada, através de algumas crônicas, ao menos desde o século anterior ao encontro dos restos mortais do santo apóstolo. Com referência a evangelização de S. Tiago na Península Ibérica, não há documentos que corroborem essa teoria, mas a igreja galega e os reinos hispânicos que se interessavam na utilização da presença dos restos mortais de um discípulo direto de Cristo, proporcionaram a escrita de diferentes narrativas e se apropriaram de preceitos expressos nas Sagradas Escrituras, que situavam o extremo ocidente para onde Tiago teria partido após a Assunção de Jesus Cristo, como sendo o reino mais ao ocidente do mundo conhecido até então.

A partir daí diferentes elementos da cultura cristã e das divergências políticas do contexto foram sendo utilizados para enfatizar a importância da existência de um sarcófago, com as relíquias de um santo contemporâneo do próprio Cristo. Partimos dos elementos que fundamentaram a redação da fonte em apreço. Não há consenso entre os estudiosos, no que tange ao autor ou autores do *Liber Sancti Jacobi*. Constatamos que a autoria do códice é associada ao papa Calixto II, mas sobretudo, devido a sua proximidade da realeza castelhana-leonesa, e amizade com o bispo D. Diego Gelmírez, um dos principais agentes de promoção do culto compostelano e da

Basílica em Compostela no século XII. Não há como apontar a responsabilidade da composição do códice a um determinado autor, mas é possível considerar que as intenções de proximidade entre o priorado de Gelmírez e os monges cluniacenses da Gália, em virtude da pretensão de inserção dos ritos romanos na *Hispania*.

No que tange a escrita dos livros inseridos no códice, o compositor, ou os compositores, se ocuparam em recolher em suas páginas, todos perspectivas e olhares possíveis, sobre a biografia do santo, os ritos, as tradições culturais e os passos do caminho. A primeira parte do códice reúne todas as homenagens e louvores dedicados à memória e à exaltação do apóstolo na basílica, onde estão encerrados os seus restos mortais. Os capítulos presentes nesse livro nos permitem observar a respeito da música e liturgias do século XII. Na segunda parte da fonte, através do Livro de milagres, que foi parte fundamental nessa pesquisa, podemos interpretar a respeito da religiosidade dos peregrinos que se moviam aos milhares em direção a Compostela. Como afirma Le Goff, podemos ver que ao contrário do que se afirmava há algumas décadas atrás, a sociedade medieval não era estática, era permeada pelo *homo viator*, que ainda informado dos perigos e das dificuldades das viagens em peregrinação, se dirigiam para os locais santos, buscando tocar as estimadas relíquias.

Através do Livro II do *Liber Sancti Jacobi*, observamos que a tradição compostelana pretendia ser universal. Os viajantes encaminhavam-se de numerosos lugares, e segundo acreditavam S. Tiago prontamente os atendia, independentemente de estarem ou não percorrendo o caminho de Compostela. A contemporaneidade dos milagres descritos no segundo livro do códice, alerta os viajantes dos contratemplos da viagem. O mesmo se complementa ao denominado Guia do Peregrino, por situar inclusive locais onde o santo teria atuado e apresentando lugares a serem considerados na experiência de aproximação ao intercessor, estimado pelos peregrinos.

No Livro III, vemos alguns dados sobre a biografia de São Tiago e a sua pregação na Península Ibérica. É uma parte breve do livro, possivelmente, devido às esparsas informações a respeito de Tiago, ainda que este seja, segundo as Sagradas Escrituras, uma dos preferidos do Messias, por causa de sua presença no Tabor no momento da Transfiguração. Podemos pressupor que isso se deve, ao fato

de ter sido o primeiro entre os apóstolos a sofrer o martírio. A partir disso pressupomos que Tiago, tornou-se um protagonista da cristandade através de suas ações enquanto santo em detrimento de sua atuação enquanto discípulo, já que sua pregação, com efeito se universalizou na Península Ibérica e em seguida no ocidente cristão, devido ao seus milagres e influência da utilização de sua imagem a favor da Reconquista. Através desse livro, divulgaram-se as datas das principais solenidades em homenagem ao santo. Outrossim, nessa parte observamos a respeito do Imaginário medieval, devido a presença das *mirabilia* durante a *translatio* dos restos mortais do santo, de volta ao local de sua predição e as adversidades enfrentadas pelas personagens na narrativa, para poder enterrar o corpo de seu mestre e poder render-lhe culto.

No *Pseudo-Turpim*, a quarta parte do códice, observamos as perspectivas culturais do contexto da redação da obra, presentes nas incursões do imperador carolíngio em favor da libertação do sepulcro de São Tiago. É notadamente uma obra de ficção, mas que nos permite conhecer mais sobre a tradição cavalheiresca e o trovadorismo medieval. O Livro V ou *Guia do Peregrino* é rico em detalhes sobre o caminho. É como sua denominação um guia para os peregrinos e possivelmente possibilitou a base para as vias que resultaram no caminho francês. Ao situar aos viajantes desde as hospedarias, até os rios, que oferecem água potável aos caminhantes, é também um incentivador as relações comerciais, políticas e seculares que possibilitaram o fortalecimento da sé compostelana.

Ao ponderamos sobre os relatos de santidade, podemos assimilar o significado da presença das relíquias de São Tiago na Galiza. Percebemos, que mesmo se Compostela, tivesse em seu santuário apenas restos de objetos que fossem associados a Tiago, o Maior, a mesma já seria um local de adoração que movimentaria inúmeros fiéis. Portanto, a presença do corpo do apóstolo⁶⁹, seria mais uma das referências que tornaram a peregrinação a Compostela, uma das mais notáveis da cristandade ocidental, pois, os fiéis se dedicaram apaixonadamente a essas viagens para tocarem ou estarem presentes no mesmo local das estimadas relíquias, a existência dos restos de um dos discípulos de Cristo, elevava a

⁶⁹ Não nos atentamos a discussão da presença ou não do corpo completo do apóstolo em Compostela nessa dissertação.

significação de Santiago de Compostela, ao nível de Roma, o único reduto cristão no ocidente a também encerrar os restos mortais de apóstolos do Messias.

Ao voltarmos a nossa discussão sobre a biografia de São Tiago, percebemos o quanto são reduzidas às informações a seu respeito. Nesse sentido, nossa interpretação se dirigiu sobretudo ao Livro III do Códice Calixtino, dado que após a Paixão, a Ressurreição e a Assunção de seu mestre, não há dados concretos sobre os seus passos. Depois, destes episódios, Tiago, o Maior, só volta a ser citado nas narrativas das Sagradas Escrituras, em seu martírio. O códice amplia a biografia do santo, ao nomear inclusive os seus discípulos e corroborar os episódios narrados em Atos dos Apóstolos anteriores a sua execução.

No capítulo II dessa dissertação consideramos o caráter e a relevância das peregrinações para os cristãos, tendo em vista que esse não é um fenômeno restrito à cristandade. Examinamos a natureza dessas viagens desde os seus primórdios e as mudanças ao seu estatuto na Idade Média, entrevemos que embora sejam manifestações espontâneas, que estas também, foram regulamentadas, e que de certo modo, o códice também possui compilações normalizadoras em relação as viagens nas vias de peregrinação à Compostela. Ao também caracterizarmos as viagens conduzidas a Roma e Jerusalém, constatamos a relevância desses santuários e de suas viagens para os cristãos, além dos motivos que favoreceram Compostela a estar entre as mais estimadas para os peregrinos. Notamos, que a relevância alcançada por Santiago de Compostela a situou entre as três maiores, inclusive tornando-a uma expressão entre os viajantes, pois, peregrino, seria aquele que viajava à Santiago de Compostela, com sua concha, símbolo da peregrinação jacobea.

Os vinte e dois milagres descritos no segundo livro do códice, estiveram entre os principais fatores da nossa dissertação. Compreender acerca, da importância que esses fenômenos representam para os cristãos, entendendo delegando as funções concernentes ao intercessor e a Deus como provedor de todas as ações em favor dos fiéis é o ponto central para a compreensão dos milagres. Afinal, cada um dos milagres efetuados por São Tiago, só seriam possíveis em razão de Deus e do próprio Cristo. Contudo, São Tiago como protagonista, assume diferentes faces em suas vitórias descritas nos capítulos do livro de milagres. Como citado

anteriormente, os prodígios de S. Tiago também promovem o caminho, mas expressam os anseios dos peregrinos, suas angústias, seus pecados e seus desejos que se tornam exemplos quando confrontados com as ações de intervenção do santo e as graças oferecidas.

Conforme postulados de vários pesquisadores, podemos afirmar, que o homem medieval se estabelece nas relações entre a alma e o corpo. Nesse sentido, o pecado e as necessidades de serem perdoados também, eram estimuladores para as peregrinações e assim, compreendendo o papel de S. Tiago como um intermediário na correspondência entre o crente e Deus, os milagres serviriam de exemplos seja para meios de se alcançarem favores, mas também, indulgências para as faltas cometidas. Por meio dos milagres de São Tiago, podemos presumir e compreender diversas informações a respeito dos peregrinos, que se dirigiam para Compostela. Os fiéis que se dirigiram para o túmulo apostólico eram pessoas, que cometiam diferentes faltas, como as do corpo referente ao milagre XVII, até aqueles que não compreendiam a associação de Tiago, o Maior como um cavaleiro de Cristo, observado no prodígio do capítulo XIX do Livro de milagres. Através, dessa associação, pode-se notar a utilização da imagem de São Tiago, inclusive nas questões políticas dos pequenos reinos ibéricos. Como um soldado de Cristo, paramentado como um cavaleiro, o santo apóstolo tornou-se mais que um intercessor, mas um herói das batalhas de libertação dos reinos cristãos do poderio muçulmano na Península Ibérica. Por intermédio dos milagres do *Liber Sancti Jacobi*, os cristãos justificavam as suas incursões promoviam ainda mais a eficácia de um discípulo de Cristo em seu favor.

Enquanto documento-monumento, o *Liber Sancti Jacobi* expandiu a importância e o lugar das peregrinações à Santiago de Compostela. Como notamos, em seu cerne, este carrega inúmeros aspectos do contexto de sua redação. Compreendemos que tentar interpretá-lo sem considerar inclusive os caminhos que atraíam fiéis de todos os cantos da Europa não é possível, seus compositores consideram tais aspectos durante a sua escrita, o que para nós é motivo singular apreciação. Afirmar que a tradição construída em torno da evangelização, e do transporte dos restos mortais de um apóstolo no itinerário Palestina/*Galiza*, é verdadeira ou não, mensurar tal afirmação, não faz parte de nossas pretensões, mas

poder conjecturar quanto as nuances que tal fenômeno alcançou, viabiliza a compreensão da dimensão e da permanência deste nos dias atuais.

Quanto às peregrinações à Compostela como um dos mais importantes centros dessas viagens. O *Liber Sancti Jacobi* nos permite assimilar a sua influência para a ampliação das rotas, e da criação de toda uma infraestrutura assistencial aos peregrinos. Nesse sentido, estar a par do mito e de todas as vertentes possíveis associadas ao culto apostólico em Santiago de Compostela, nos permitiu caracterizar o desenvolvimento da cultura e dos valores da peregrinação compostelana, e de certa forma, dos valores relacionados às peregrinações medievais, no que tange ao menos as maiores peregrinações cristãs. O *Codex Calixtinus* encerra em si, múltiplas ações em torno da exaltação ao apóstolo, não aleatoriamente se constitui na mais importante fonte a tratar da tradição *jacobeia*. Estivemos dessa forma, analisando e interpretando uma obra indispensável para a compreensão do culto e da cultura desta peregrinação, e do caráter por esta alcançado.

REFERÊNCIAS

Fontes:

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução das introduções e notas de La Sainte Bible. São Paulo: Paulus, 1995. At 12: 1-2.

HISTORIA COMPOSTELANA o sea Hechos de D. Diego Gelmírez primer arzobispo de Santiago. Santiago de Compostela: Editorial Porto, S. L., 1950.

LIBER SANCTI JACOBI, CODEX CALIXTINUS. Notas de MORALEJO, A. Madri: Instituto Padre Sarmiento, de Estudios Galego, 1951.

LIBER SANCTI JACOBI “CODEX CALIXTINUS”. Tradução e notas de MORALEJO, A; TORRES C; FEO, J. Santiago de Compostela: Xunta de Galícia, 1998. In: MALEVAL, Maria do A, T. Maravilhas de São Tiago. Narrativas do Liber Sancti Jacobi (Codex Calixtinus). Niterói: Ed.UFF, 2005. (Versão bilíngue Latim-Português).

Livros, artigos e dissertações

AGOSTINHO, Santo. Cidade de Deus Parte I. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. Confissões. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado: Ensaio da teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

ALMEIDA, Néri de Barros. Hagiografia, propaganda e memória histórica: o monasticismo na Legenda Aurea de Jacopo de Varazze. In: Revista Território e Fronteiras, Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul. o dez., 2014 (pp. 94 – 111). Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/348>
Acesso em: 18/10/2017.

ARIAS, Ademir Aparecido de Moraes. Canções de Gesta e imagens da realeza: três exemplos. In: revista Imagens da Educação, v. 2, n. 3, p. 35 – 44, 2012. Disponível em:

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/download/18783/9903> Acesso em: 13/12/2017.

ASTRAY, Manuel Recuero. *Historiografía Medieval del Camiño de Santiago*. Disponível em: <http://ruc.udc.es/bitstream/2183/8701/1/CC24art3ocr.pdf> Acesso em: 25/07/2017.

BASCHET, Jérôme. Diabo. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval vol. I*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. (319 – 331).

BATISTA NETO, Jônatas. Aspectos das Viagens Medievais: obstáculos e perigos. *Rev. Hist. São Paulo*, n. 11, dez. 1988, p. 179. Disponível em: www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/18579/20642. Acesso em: 26/07/2017.

BERBERT JÚNIOR, Carlos Oiti. *A História, a retórica e a crise dos paradigmas*. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás/Programa de Pós-Graduação em História/Funape, 2012.

BOESCH-GAJANO, Sofia. Santidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval vol. II*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. (p. 449 – 462).

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2001.

BONNASSIE, Pierre. *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.

BURROW, John. *Uma história das histórias: de Heródoto e Tucídides ao século XX*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Vol. II*. São Paulo: EDUSC, 2002.

CASCO, Virginia Videira. *Temática jacobea no teatro do barroco: La Romera de Santiago – de Tirso de Molina*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2010. Disponível em:

http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2010-09-16T121929Z-2633/Publico/Virginia%20Casco-Dissert.pdf. Acesso em 25/07/2017.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CONSTANTINI, Dominique. Los santos militares del *Codex Calixtinus*, V, VIII: Leyenda Y Tradición. In: SAUCKEN, Paolo Caucci von. *Visitandun est*. Santos y Cultos en el *Codex Calixtinus*. Atas del VII Congreso Internacional de Estudios Jacobeos. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2005.

COSTA, Paula Pinto; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. A visibilidade do Sagrado: relíquias cristãs na Idade Média. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

CROATTO, J. Severino. As linguagens da experiência religiosa. São Paulo: Paulinas, 2001.

DÍAZ, Pablo de la. Peregrinos y lugares de peregrinación en la Hispania Tardoantigua. História: Questões & debates, Curitiba, n. 33, p. 41-75, 2001. Editora UFPR.

ELIADE, Mircea. Tratado de história das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FARRÉ TORRAS, Begoña. Do apóstolo ao peregrino: a iconografia de São Tiago na escultura devocional medieval em Portugal. Medievalista online nº 12. Dez, 2012. In: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA12/torras1204.html> Acesso em: 24/07/2017.

FOGA, César Augusto da Silva. O homem medieval: um peregrino por excelência. Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo – Volume 9, n. 1, 2014.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Peregrinos e centros de peregrinação. In: FRANÇA, Susani Silveira Lemos; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa; LIMA, Marcelo Pereira. Peregrinos e peregrinação na Idade Média. Petrópolis: Vozes, 2017.

GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel. El hombre medieval como “homo viator”: peregrinos y viajeros. IV Semana de Estudios Medievales. Nájera, 1994. Instituto de Estudios Riojanos. Logroño, 1993. Disponível em: <http://www.dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/554277.pdf> Acesso em: 26/07/2017.

GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Bauru, SP: EDUSC, 2002. (p. 167 - 181).

GOMES, Saul António. Hagiografia, arte e cultura no Outono da Idade Média. In: Revista Diálogos Mediterrânicos, n. 6 – Junho/2014. Disponível em: <http://www.dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/113/116> Acesso em: 17/10/2017.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.

_____. O Discurso Cronístico e a Narratividade Histórica. In: NETO, Dirceu Marchini. NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. (Org.) A Idade Média: entre a história e a historiografia. Goiânia: Ed. da PUC, Goiás, 2012. (pp. 53 – 77).

LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval Vol. I e Vol. II. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. (org.). O homem medieval. Lisboa: Presença, 1989.

_____. O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval. Lisboa, Edições 70, 2010.

LOBRICHON, Guy. Bíblia. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval vol. I. Bauru, SP: EDUSC, 2002. (pp. 105 - 117).

LÓPEZ-MAYÁN, Mercedes. Origen y desarrollo de Santiago en época medieval: del locus Sancti Iacobi a la ciudad de Compostela. In: CASTRO DÍAZ, Beatriz; LÓPEZ-MAYÁN, Mercedes (coord.) Historia de Santiago de Compostela. Coruña: Vía Láctea, 2011.

MALEVAL, Maria do A, T. Maravilhas de São Tiago. Narrativas do Liber Sancti Jacobi (Codex Calixtinus). Niterói: Ed.UFF, 2005.

MEDEIROS, Márcia Maria de. A construção da figura religiosa no romance de cavalaria. Dourados, MS: UFGD, 2009.

MENDES, Ana Catarina. Peregrinos a Santiago de Compostela: uma etnografia do caminho português. Tese de mestrado em Antropologia Social e Cultural. Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, 2009. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/299/1/20587_ulsd_dep.17914_M_1.pdf
Acesso em 26/07/2015.

MORAIS, Julierme. Introdução teórica ao debate sobre as relações entre História e ficção: Paul Veyne, Hayden White, Michel de Certeau e Jorn Rusen. In: REIMER, Haroldo [et. al.]. Primeiros diálogos: uma introdução à reflexão histórica. São Leopoldo: Oikos, 2012.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. A relíquia do Santo Lenho em Portugal: Narrativas de Milagres. Hist. Revista, Goiânia, v. 19, n. 1, pp. 105 – 120, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/30511>
Acesso em: 28/07/2015.

_____. Narrativas sobre o martírio e culto ao Infante Santo (século XV). In: NETO, Dirceu Marchini. NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. (Org.) A Idade Média: entre a história e a historiografia. Goiânia: Ed. da PUC, Goiás, 2012. (p. 369 – 378).

_____. Nos passos de Cristo e de seus apóstolos – Relatos de viagens e peregrinações. In: FRANÇA, Susani Silveira Lemos; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa; LIMA, Marcelo Pereira. Peregrinos e peregrinação na Idade Média. Petrópolis: Vozes, 2017.

PAIVA ALVES, Sandra Maria Pereira. A antevisão do peregrino na iconografia de São Tiago no Caminho Português de Santiago entre Viseu e Chaves. Subsídios para a criação de uma rota turística. Vol. 1. Dissertação (Mestrado), Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional das Beiras, Departamento de Letras, 2011.

PRECEDO LAFUENTE, Manuel Jesús, “Santiago, Apóstolo, Peregrino e Cabaleiro” in Todos com Santiago: Patrimonio Eclesiástico (catálogo de exposición). Santiago de Compostela: Mosteiro de San Martiño Pinario / Museo Diocesano / Xunta de Galicia, 1999.

PROST, Antoine. Doze lições sobre a história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

REBELO, António Manuel R. A estratégia política através da hagiografia. In: JIMÉNEZ, Aurélio Pérez (et. al.). O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2004. (pp. 131 – 158).

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François [et. al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. Tempo e narrativa vol. 1. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2010.

_____. Tempo e narrativa vol. 3. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

RÜSEN, Jorn. Reconstrução do passado. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

RUCQUOI, Adeline. Hospites seu Peregrini: Itinerarios de peregrinación en la alta Edad Media (850-1150). In: HERRERA, M. Ester. Montaje hospites seu peregrini. Santiago de Compostela: Iacorvs, 2011. (p. 15-47).

_____. O caminho de Santiago: a criação de um itinerário. In: Revista Signum, 2007 pp. 95 – 120. In: https://www.academia.edu/4094535/O_caminho_de_Santiago_A_cria%C3%A7%C3%A3o_de_um_itiner%C3%A1rio. Acesso em: 16/08/2017.

RUI, Adailson José. O culto a São Tiago e a legitimação da Reconquista Espanhola. In: Hist. Revista. Goiânia, v. 17, n. 2, pp. 105-120, jul./dez. 2012.

RUST, Leandro Duarte. A reforma papal (1050 – 1150): trajetórias e críticas de uma história. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

SCHMITT, Jean-Claude. O corpo das imagens: ensaios sobre cultura visual na Idade Média. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão; SILVA, Thales Braga Rezende Lins da. O Além e os marginalizados: apontamentos sobre a sua relação nas hagiografias castelhanas do século XIII. Mirabilia n. 12, Jan-Jun., 2011.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. (coord.). Banco de dados das hagiografias ibéricas. (Séculos XI ao XIII). Rio de Janeiro: Pem, 2009. Coleção Hagiografia e História, v. 1. Disponível em: http://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/hagiografiaehistoria_v1.pdf Acesso em: 24/12/2017.

_____. Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval: um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das Vidas de Santos de Gonzalo de Berceo. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

SILVA, José Antunes da. Caminhos de Santiago: uma Europa peregrina. *Theologica*, 2.a Série, 39, 2, 2004. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12690/1/silva.pdf> Acesso em: 28/12/2017.

SINGUL, Francisco. O caminho de Santiago: a peregrinação ocidental na Idade Média. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

SOBRAL, Cristina. Hagiografia em Portugal: Balanço e perspectivas. *Medievalista*, ano 3, n. 3, 2007. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA3/medievalista-hagiografia.htm> Acesso em: 27/12/2017.

_____. O modelo discursivo hagiográfico. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Porto, faculdade de letras, 1995. 97 – 107.

SOT, Michel. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval vol. II. Bauru, SP: EDUSC, 2002. (pp. 353 – 366).

STANFORD, Peter. O diabo: uma biografia. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

TOMAZ, Rodrigo Ballesteiro Pereira. Herói e Santidade: dois conceitos de análise para a pesquisa. In: Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio: Memória e Patrimônio, 19 a 23 de Julho de 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276604974_ARQUIVO_H

EROIESANTIDADE-DOISCONCEITOSDEANALISEPARAAPESQUISA.pdf Acesso em: 13/12/2017.

VAUCHEZ, André. A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. Milagre. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval vol. II. Bauru, SP: EDUSC, 2002. (p. 197 – 211).

_____. O Santo. In: LE GOFF, Jacques (org.). O homem medieval. Lisboa: Presença, 1989.

VÁZQUEZ DE PARGA, L.; LACARRA, J.M.; URÍA RÍU, J. Las peregrinaciones a Santiago de Compostela. (Tomos I-III). Madrid: C.S.I.C. – Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela de Estudios Medievales, 1948-1949.

VEYNE, Paul. Como se escreve a História e Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UnB, 1998.

VIDOTTE, Adriana; RUI, Adailson José. Caminhos físicos, imaginários e simbólicos: o Culto a São Tiago e a peregrinação à Compostela na Idade Média. Projeto História nº 42. Junho de 2011. Disponível em: https://www.historia.ufg.br/up/108/o/caminhos_fisicos_-_adriana.pdf. Acesso em: 24/07/2017.

WHITE, Hayden. Meta-História: a imaginação histórica do século XIX. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.